

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
Campus Agreste

O PERFIL DO OPERÁRIO INDUSTRIAL DA FÁBRICA DE CAROÁ
DE CARUARU-PE
- 1950 a 1978 -

Jair Rodrigues de Lima

Caruaru-PE
2011

Jair Rodrigues de Lima

O PERFIL DO OPERÁRIO INDUSTRIAL DA FÁBRICA DE CAROÁ
DE CARUARU-PE
- 1950 a 1978 -

Monografia elaborada pelo aluno Jair Rodrigues de Lima como exigência do curso de graduação em Ciências Econômicas, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE - Campus Agreste, sob a orientação do Professor André Martins.

Caruaru-PE
2011

Dedico esse trabalho a minha família e em especial a uma pessoa, pela sua paciência, compreensão e que tanto me ajudou na conclusão desse trabalho: minha noiva Paloma. Obrigado.

Agradeço primeiramente a Deus e a meus pais, pois sem eles nada disso teria sido possível. A todos os meus colegas de turma e professores que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho e, em especial, aos professores Glaudionor Barbosa, Rosa Kato e ao meu orientador André Martins, por acreditarem que eu seria capaz de realizá-lo.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo traçar o perfil dos operários da ‘Fábrica de Caroá’ que funcionou em Caruaru no período de 1935 a 1978. Serão detalhadas informações como: idade, sexo, grau de instrução, estado civil e origem, através das quais será montada a imagem das pessoas que eram empregadas na firma, uma das maiores empregadoras do município, senão a maior, na época analisada. Será avaliado também o sistema de trabalho e produção adotado pela fábrica que na cidade chegava tardiamente, mas para o resto do país e do mundo já vinha sendo utilizado há muito tempo. Abordaremos nosso problema de pesquisa a partir dos seguintes temas: industrialização, desenvolvimento econômico, vila operária, taylorismo e paternalismo industrial, com base em discussões marxistas, as idéias de Kaldor e o pensamento de outros autores sobre os temas propostos. As técnicas de procedimento adotadas foram: entrevista, que é a documentação direta e pesquisa bibliográfica e de documentos, como documentação indireta. As fontes primárias foram as fichas de registro de empregados que fazem parte do acervo do museu da fábrica. Ao final dos estudos foi concluído que a grande maioria dos operários eram contratados com idade inferior a dezoito anos, tinha pouca escolaridade, nenhuma experiência como trabalhador industrial e a maior parte era do sexo masculino embora o número de mulheres operárias fosse bastante significativo. Foi verificado também que a empresa foi de grande importância para o comércio de Caruaru, além de empregar um grande número de pessoas, movimentou o comércio da cidade e contribuiu para o crescimento do município e por que não dizer de toda a região Agreste.

Palavras-chave: Caruaru; Caroá; Perfil dos operários; Vila operária; Taylorismo.

ABSTRACT

This paper aims to outline the profile of workers 'Fábrica de Caroá' Caruaru has worked in the period 1935 to 1978. This work will be detailed information such as age, sex, education level, marital status and origin of which is mounted through the portrayal of people who were employed at the firm, one of the largest employers in the municipality, if not the largest, at the time analyzed. It will also evaluate the work and production system adopted by the factory that in the city came later, but for the rest of the country and the world was already being used for a long time. We will discuss our research problem from the following topics: industrialization, economic development, workers' village, Taylorism and industrial paternalism, based on discussions Marxists, Kaldor's ideas and thoughts of the authors on the proposed themes. The procedural techniques adopted were: interview, which is the direct documentation and literature and documents, such as indirect documentation. The primary sources were the record cards of employees who are part of the museum of the factory. At the end of the studies it was concluded that the vast majority of contract workers were aged less than 18 years, had little education, no experience as a factory worker and most were male while the number of women workers was significant. We also noticed the company was of great importance to trade in Caruaru, and employs a large number of people moved the city trade and contributed the growth of town, what of all the agreste region.

Word-keys: Caruaru; Caroá; Profile of workers; Workers' village; Taylorism.

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 01: Caroá, planta nativa do sertão nordestino-----	18
Figura 02: Fábrica de Caroá no ano de 1958-----	19
Figura 03: Prédio onde funcionou a Fábrica de Caroá atualmente Espaço Cultural Tancredo Neves-----	19
Figura 04: Vila operária da Caroá em 1958-----	23
Figura 05: Fiadeira de fabricação inglesa instalada no Museu da Fábrica-----	30
Figura 06: Fiadeira em plena atividade de propriedade do Sr. Paulo Duarte-----	30
Figura 07: Metradeira Inglesa-----	31
Figura 08: Bobineira norte-americana-----	31
Figura 09: Operárias 'desfibrando' o caroá-----	32
Figura 10: Resistenciador fabricado na própria Caroá-----	33
Figura 11: Fibra de caroá exposta ao sol para secagem-----	35
Figura 12: Fio do caroá pronto para fabricação-----	36
Figura 13: Trabalhadores à procura de emprego na Fábrica de Caroá-----	42
Figura 14: Ficha de registro de empregados da Fábrica de Caroá-----	43

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 01: Frequência das funções dos operários da Caroá-----	38
Tabela 02: Frequência das funções das operárias da Caroá-----	39
Tabela 03: Características dos operários da Fábrica de Caroá-----	44
Tabela 04: Média dos anos de estudo das mulheres-----	46
Tabela 05: Média do tempo de serviço e idade de admissão-----	47

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO-----	10
1 CONTEXTO HISTÓRICO-----	13
1.1 A indústria no Nordeste (1950 - 1980)-----	13
1.2 A Fábrica de Caroá (1935 - 1978)-----	16
1.3 Vila Operária e Paternalismo Industrial: A Caroá e outras Vilas	22
2 A FORÇA DE TRABALHO NA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO-----	28
2.1 Caracterização da Indústria de Fiação-----	28
2.2 O Maquinário-----	29
2.3 O Controle do Processo Produtivo - A visão Taylorista-----	32
2.3.1 O Sistema de Trabalho na Caroá-----	34
3 PERFIL DA FORÇA DE TRABALHO DA CAROÁ-----	40
3.1 A Formação da Mão-de-Obra-----	40
3.2 O Perfil do Operário Industrial da Caroá-----	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	48
ANEXOS-----	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	53
FONTE DE INFORMAÇÕES-----	56
LISTA DE ENTREVISTADOS-----	56

INTRODUÇÃO

A firma José de Vasconcellos & Cia. conhecida em Caruaru como “A Fábrica de Caroá”, fundada por José de Vasconcellos e Silva, nascido em Bonito, mas radicado na capital do Agreste, foi inaugurada no dia 9 de setembro de 1935, como uma filial da matriz localizada em Campina Grande-PB, e funcionou até 1978. Surgiu num período em que a economia brasileira caracterizava-se pela superprodução e crise da economia cafeeira.

Assim como desde os tempos do Brasil colônia se formaram contingentes de trabalhadores (índios, escravos e imigrantes) para se produzir o produto que movimentava a economia da época, como o açúcar, o ouro e o café, a Fábrica de Caroá formou ou pelo menos empregou um volume considerável de trabalhadores, se comparado com a população da cidade na época, para a produção do produto que movimentou a economia de Caruaru até meados da década de 1970.

A fábrica produzia produtos de cordoalha¹ com o fio do caroá, uma planta da caatinga que possui poucas folhas acuminadas e que fornecem longas fibras, de grande resistência e durabilidade. Dessas fibras eram produzidos fios utilizados na confecção de sacos, cordas, cordões e estopas. O Sr. José de Vasconcellos, conhecido como “Coronel José de Vasconcellos”, foi pioneiro na produção de artigos de caroá, representando o papel de empresário bem sucedido, empreendedor e inovador. Os produtos produzidos pela fibra do caroá representavam o de melhor que se tinha no comércio da época para o que se destinava, podendo ser comparado a outros produtos inovadores, guardadas as devidas proporções, como por exemplo: o cimento, a borracha, o ferro, entre outros.

Assim como “O cimento é um produto industrial que requer novos processos de produção, novas formas de organização do trabalho e novas formas de comercialização” (CALLE, 2010. Tradução nossa), a produção do fio do caroá exigiu a implantação de uma indústria inovadora e de tecnologia de ponta para época.

A Fábrica de Caroá foi uma das maiores firmas, senão a maior, que funcionou em Caruaru durante um período de quase meio século, sua influência no comércio da cidade é indiscutível. Na época só havia mais duas grandes firmas empregadoras em Caruaru, a Boxwell, que produzia óleo comestível a partir do caroço do algodão, e o curtume Souza Irmãos, que negociava couros (BARBOSA et. al. 2005).

¹ Conjunto de cordas, fios ou cordões de tipos variados

A Caroá empregava um grande número de funcionários, estava com cerca de 240 nos seus últimos dias de funcionamento, o que fez com que o município passasse a ser bastante atrativo, incentivando a migração de pessoas a procura de emprego que vinham de outros municípios e da zona rural².

O período a ser analisado nesse trabalho se inicia na década de 30 (a inauguração da fábrica em Caruaru foi em 1935), quando a industrialização brasileira assumia a forma do chamado Processo de Substituição de Importações durante o governo de Getúlio Vargas, passa pelo Plano de Metas lançado por Juscelino Kubitschek (1956-1960), que pode ser considerado o auge da industrialização brasileira nesse período. O principal objetivo desse plano “era estabelecer as bases de uma economia industrial madura no país” (GREMAUD, et al., 2009. pág. 365), aprofundando o setor produtor de bens de consumo duráveis, como a indústria automobilística.

Após o período do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, se inicia a primeira grande crise econômica do Brasil em sua fase industrial. É nesse período que a Fábrica de Caroá muda de administração, mais precisamente no ano de 1955, deixando de pertencer à família Vasconcellos, passando para as mãos de um grupo de sócios, entre eles Francisco de Vasconcellos e Silva, um dos filhos do Coronel José de Vasconcellos. A Fábrica de Caroá, agora não mais José de Vasconcellos e Cia. e sim Companhia Industrial de Caruaru, começa no final da década de 60, diferentemente do que acontece no restante do país que atravessava o milagre econômico, a enfrentar dificuldades com capital de giro, em parte pela concorrência com produtos substitutos mais baratos, em parte com o maquinário defasado. Esse período foi caracterizado pelas maiores taxas de crescimento do produto industrial da história recente e estranhamente esse crescimento não chega a atingir a produção da Caroá.

A década de 1970 foi marcada por um período conturbado do ponto de vista econômico no Brasil e no mundo, não só pelo militarismo, mas também pelo primeiro choque do petróleo e a crise da conversibilidade do dólar em 1973 e pelo segundo choque do petróleo em 1979. A fábrica passava por dificuldades financeiras e a aceleração inflacionária acabava por dificultar ainda mais a sua situação. Na segunda metade dos anos 1970, exatamente a época em que a Companhia Industrial de Caruaru fecha suas portas (1978), a inflação no Brasil passou de 15% durante o milagre

² Reportagem do jornal Vanguarda de Caruaru, 03/12/1978.

econômico para algo em torno de 40% ao ano, chegando a picos de 77,2% em 1973 (GREMAUD et al. 2009. pág. 399). Em 1971 foi implantado pelo então prefeito de Caruaru Anastácio Rodrigues, o primeiro distrito industrial do município, localizado às margens da BR 104, além de incentivos fiscais para as principais indústrias, entre elas a Fábrica de Caroá (BARBOSA. et al. 2005). Sete anos após a criação desse distrito a fábrica fechou suas portas, funcionava no espaço onde hoje é conhecido como Espaço Cultura Tancredo Neves e Pátio de Eventos Luiz Gonzaga, local estratégico por ser próximo da estação ferroviária. Nesse espaço funciona também o Museu do Barro de Caruaru e o Museu da Fábrica de Caroá. Atualmente há pessoas que acreditam que esse espaço sempre foi criado para eventos culturais, desconhecendo a existência da fábrica que funcionou ali e que foi de suma importância tanto para o comércio de Caruaru, e porque não dizer também para o seu desenvolvimento como um todo.

Assim como há um desconhecimento do funcionamento da fábrica e de sua grandiosidade, há também pouco conhecimento da massa trabalhadora que nela era empregada. Não existe um trabalho que detalhe quem eram os trabalhadores que faziam a Fábrica de Caroá movimentar seu maquinário e produzir durante vinte e quatro horas diárias, durante seis dias por semana.

É de grande importância que as atuais gerações tenham conhecimento da base trabalhadora que contribuiu para o crescimento de sua cidade. O presente trabalho traçará o perfil do fundador, da fábrica, dos trabalhadores e do ambiente econômico do município durante um período historicamente tão pouco difundido de Caruaru e também se propõe a fazer um levantamento do cenário da cidade à época de funcionamento dessa fábrica e o que ocorria na economia e na política no restante do país. Para isso serão analisadas 352 fichas de registro de empregados, entre os períodos de 1950 e 1978 de um total de 3.525, que fazem parte do acervo do Museu da Fábrica, e entrevistados seis ex-funcionários e um dos filhos do fundador, estudo bibliográfico sobre a história de Caruaru, força de trabalho, vila operária, indústria têxtil, entre outros temas.

Este trabalho está dividido em três capítulos além dessa introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo será tratado o contexto histórico da indústria no Nordeste no período de 1950 a 1980, a Fábrica de Caroá, sua vila operária e o paternalismo industrial. No Capítulo dois será focada a força de trabalho na indústria de fiação e a caracterização dessa indústria, o maquinário e sua importância, a visão taylorista e o sistema de trabalho da firma analisada. Por fim o terceiro capítulo trata da formação da mão-de-obra e do perfil do operariado industrial da Fábrica de Caroá.

1 – CONTEXTO HISTÓRICO

O desenvolvimento industrial do Nordeste, durante todo o século XX, assim como o resto do país e do mundo, passou por ciclos que variaram de grandes depressões (a crise de 1929, segunda guerra mundial, a crise do petróleo) a picos de crescimento acelerado vistos durante o Milagre Econômico (GREMAUD et al. 2009). A Fábrica de Caroá também atravessou esses períodos conturbados da industrialização brasileira e nordestina, apresentando relativo crescimento (anos 1940 e 1960) e queda na sua produção (final dos anos 1960 e meados de 1970). Abordaremos esses pontos mais detalhadamente nesse capítulo.

1.1 A Indústria no Nordeste (1950 – 1980)

No início do século XX José de Vasconcellos e Silva negociava com algodão, que era o principal produto do Nordeste nessa época. Sua produção era quase toda destinada à exportação e nesse mesmo período a indústria têxtil do sul e Sudeste estava em crescimento acelerado. A demanda das tecelagens do Sul consumia quase todo o algodão do Nordeste por volta da década de 1920 e devido a esse auge da produção algodoeira são instaladas diversas fábricas de tecidos na região. O comércio do algodão no Nordeste só viria a ser afetado com a crise cafeeira e a produção algodoeira iniciada em larga escala em São Paulo. Jacob Carlos Lima e Brasília Carlos Ferreira definem esse período como o primeiro de uma série de três pelos quais passou a industrialização nordestina. O segundo período atravessado é definido da seguinte forma:

No início dos anos 30 se inaugura uma época extremamente favorável à indústria têxtil nacional, impulsionada pelo crescimento do mercado interno e pela intervenção do Estado, que assegura, entre outras coisas, proteção tarifária e restrição às importações de máquinas até pelo menos 1937. (LIMA e FERREIRA. 1994. pág. 3)

É durante o segundo período da industrialização do Nordeste que é inaugurada em Caruaru a filial da firma José de Vasconcellos & Cia. Os incentivos fiscais dados à nova empresa por parte do governo Getúlio Vargas foram apenas através de empréstimo junto à Caixa Econômica Federal, “Governador Carlos de Lima, esse sim deu um grande apoio” (informação verbal) ³.

O terceiro período é marcado pela criação da SUDENE que tinha como objetivo promover o desenvolvimento do Nordeste e a partir dos anos 1960 se inicia um

³ Informação dada pelo Sr. Sylvio de Vasconcellos em entrevista no dia 29/10/2011.

programa estatal de desenvolvimento industrial na região. Nesse período, a Fábrica de Caroá já não era mais de propriedade da família Vasconcellos, surgia então a Companhia Industrial de Caruaru e caminhava para os seus piores anos, pois fez parte da maioria das empresas que não sobreviveu à industrialização incentivada.

Com a SUDENE veio o programa de modernização da indústria têxtil e os incentivos à implantação de novas fábricas. As fábricas locais se modernizaram de forma diferenciada; algumas permanecendo ao largo desse processo. Todavia, a maioria não sobreviveu ao que podemos chamar de industrialização incentivada. (LIMA e FERREIRA. 1994. pág. 03)

A Lei nº 3.995 de 14/12/1961 foi criada visando o desenvolvimento da região Nordeste e tinha como política os incentivos fiscais. O seu artigo nº 34 tinha a seguinte redação:

É facultado as pessoas jurídicas e de capital 100% nacional efetuarem a dedução até 50%, nas declarações do imposto de renda, de importância destinada ao reinvestimento e aplicação em indústria considerada pela SUDENE, de interesse para o desenvolvimento do Nordeste.⁴

Esses incentivos aqueceram a produção de bens intermediários que absorveram quase 60% e entre os anos de 1950 e 1975 essa produção aumentou de 16% para 41% do total da transformação industrial do Nordeste. Nesse mesmo período a produção de bens de consumo não duráveis caía de 83% para 48% (GUIMARÃES e CASTRO; 1988. pág. 15). Esses dados são de grande relevância para se analisar o desenvolvimento do Nordeste, pois segundo Kaldor o setor da indústria de transformação tem papel importante para explicar “as diferenças nas dinâmicas de crescimento dos países desenvolvidos”(FEIJÓ e LAMONICA. 2003. Pág. 3). Os incentivos dados pela Lei 3.995 fizeram com que grandes estabelecimentos passassem a produzir novos produtos direcionados a novos consumidores. Guimarães e Castro mostram com esses dados que a industrialização do Nordeste ganhou força a partir dos anos 1960, entretanto entre os anos 1980 e 1990 houve um considerável declínio. “Entre 1960 e 1990, Recife assistiu ao fechamento da maioria de suas indústrias tradicionais: algumas na década de 1960 e outras, cuja modernização permitiu sobreviver, funcionaram até início dos anos 80”. (LIMA e FERREIRA. 1994. pág. 5).

A nível nacional pode-se dizer que a primeira medida que visava diretamente o desenvolvimento do Nordeste foi tomada durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961). Foi durante a vigência do plano de metas, que visava o

⁴ (www.jusbrasil.com.br/legislacao, acessado em 10/11/2011).

desenvolvimento nas áreas da agricultura, energia, industrialização, transportes e comunicação que o Governo promulgou a Lei 3.962 de 15 de dezembro de 1959 instituindo a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, a SUDENE, com sede em Recife, tinha como objetivo principal o desenvolvimento do Nordeste e seu principal idealizador era Celso Furtado. A SUDENE desempenhou suas funções até o golpe militar de 1964 quando a ditadura descaracteriza sua atuação. Durante os anos de 1963 e 1965 o Plano Trienal substitui o Plano de metas de governo anterior. Elaborado por Celso Furtado, durante a presidência de João Goulart, não tinha metas direcionadas especificamente para o desenvolvimento do Nordeste e em abril de 1964 “a ditadura prontificou-se a declarar o “insucesso” do Plano Trienal (SOUZA. 2004. pág. 57).

Alguns meses depois do golpe militar de 1964 seria lançado pelo governo de Castelo Branco o Plano de Ação Econômica do Governo – PAEG – que tinha entre outras medidas atenuar os desníveis econômicos regionais e combater a inflação. Esse plano obteve sucesso na redução da inflação e deu início a o que viria a ser chamado de Milagre Econômico entre os anos de 1968 e 1973. Nesse período ocorreu a primeira falência da Fábrica de Caroá, que aconteceu em 1970 durante a administração do então sócio Bartolomeu Neri da Fonseca. O Milagre Econômico pôde até ter aumentado o produto brasileiro, mas esse crescimento não chegaria à Companhia Industrial de Caruaru. (GREMAUD et al. 2009. pág. 384).

Na década de 1970 a cidade de Caruaru possuía um número reduzido de indústrias e o Pólo Têxtil (hoje tendo a feira da sulanca como principal foco, ao qual também fazem parte as cidades de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama), ainda estava por surgir e não representava um seguimento empregador significativo. Durante os governos de Ernesto Geisel e de João Batista Figueiredo na década de 1970 a economia brasileira passava por taxas crescentes de inflação, variando de 34,5% em 1968 para 77,2% em 1973 e a dívida externa chegou a U\$ 43.510 em 1978 (GREMAUD, et al. 2009. pág. 400).

Acontecimentos externos também afetariam o desenvolvimento do Brasil. O choque do petróleo de 1973 faria com que o ritmo do crescimento brasileiro fosse freado em um momento em que a “matriz industrial brasileira ainda não se encontrava totalmente diversificada, ou seja, o processo de industrialização não estava concluído” (FEIJÓ e LAMONICA. 2003. pág. 8). Essa situação era difícil tanto para o Nordeste como também para a Fábrica de Caroá, os resultados alcançados pelo plano nacional de desenvolvimento lançado pelo governo não chagariam a atingir a Companhia Industrial

de Caruaru que, nesse período, passava por sérias dificuldades financeiras e encerraria suas atividades em 1978.

1.2 A Fábrica de Caroá (1935-1978)

Durante a década de 1930, quando então a cidade de Caruaru estava apenas com 73 anos de emancipação⁵, houve grande aceleração nas mudanças sociais e políticas do Brasil, ocasionada principalmente por acontecimentos externos, como por exemplo, a primeira grande guerra mundial entre 1914 e 1918, a Revolução comunista de 1917 e a grande crise de 1929 nos Estados Unidos. O processo de substituição das importações foi acelerado pela segunda guerra mundial, dez anos depois da crise de 29, e se prolongou até a década de 1970, quando o país passa a produzir os bens industrializados que não mais pode importar. Houve um grande deslocamento de pessoas do campo para a cidade, se em 1920 menos de 20% da população morava nas cidades, em 1960 já eram 45% (AVELAR; CINTRA. 2007. pág. 27).

O ano de 1935 foi um divisor de águas para a cidade de Caruaru, foi nesse ano que o “Coronel” José de Vasconcellos e Silva inaugurou uma filial das suas empresas no município. Auxiliado por seus filhos mais velhos, dava início a uma caminhada que só seria encerrada 48 anos depois, passando pelo governo de Getúlio Vargas, pela segunda grande guerra, o Plano de Metas de Juscelino Kubistheck e o militarismo, entre outros acontecimentos que marcaram o final de primeira e meados da segunda metade do século XX. A família Vasconcellos, proprietária da fábrica, era formada por pessoas de grande influência no estado de Pernambuco tanto por seus negócios em Caruaru como em Recife e Campina Grande, tendo sido a primeira família a possuir um avião particular no Norte-Nordeste, utilizado para vistoriar suas fazendas produtoras de algodão e onde era colhido o caroá. José de Vasconcellos e Silva Júnior foi trazido por seu pai da Inglaterra, onde cursou a faculdade de tecnologia, para supervisionar a montagem da maquinaria escocesa e inglesa de fiação e cordoalha da nova filial em Caruaru. Devido à influência da família no município chegou a se eleger vereador na câmara municipal da cidade.

⁵ A vila de Caruaru foi elevada à categoria de cidade no dia 18 de Maio de 1857, até então era dependente da Cidade de Bonito e por algum tempo continuou sem autonomia política, vindo a ter seu primeiro prefeito eleito, o Major João Salvador dos Santos, somente em 1892. Coincidentemente o Sr. José de Vasconcellos e Silva é natural de Bonito, se radica em Caruaru e torna-se um dos principais personagens do crescimento desse município.

O texto a seguir, que reproduzimos integralmente por sua importância como fonte histórica, foi redigido por José de Vasconcellos e Silva Júnior e relata um período seguido por seu pai, passando pela fundação da filial em Caruaru até o seu falecimento:

Depois de um aprendizado, adquirindo tecidos, miudezas e outros artigos no comércio do Recife para revendê-los no interior de Pernambuco, a partir de Caruaru e atingindo as principais localidades do Agreste e alto sertão, José de Vasconcellos e Silva, estabeleceu-se em Caruaru com armazém de compra de algodão e peles, no início da última década do século 19. Nesse período ele desenvolveu bastante os negócios de algodão, inclusive com a colaboração do “major” Aurélio Florêncio da Silva Limeira, chefe político e principal comerciante de fibra na região.

José de Vasconcellos, eventualmente em 1896 casou-se com a Otilia, uma das filhas do “major”. Até cerca de 1900 ele negociou apenas na região, contando com a colaboração do seu concunhado Tejo e assim no início do século 20 resolveu abrir filial em Campina Grande-PB, a maior praça algodoeira do país, onde já havia estabelecido grande amizade, contatos e transações com o “Cel.” Demóstenes Barbosa, o mais importante negociante de algodão daquela região. Com a colaboração amiga do Cel. Demóstenes, José de Vasconcellos rapidamente aumentou o volume de transações algodoeiras e em 1910 resolveu transferir-se pessoalmente para o Recife, o principal porto do Nordeste, através do qual, praticamente todo o algodão era embarcado para os mercados nacional e internacional. Naquela época as fábricas de tecidos de algodão se concentravam em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Alagoas. E para exportações os negócios eram realizados por intermédio da Praça de Liverpool, principal porto da Inglaterra.

José de Vasconcellos estabelecido com matriz no Recife e filiais em Campina Grande e Caruaru almejava se tornar um grande exportador de algodão para Liverpool e, para isso precisava montar suas próprias prensas hidráulicas de alta densidade para poder competir nos fretes marítimos com os exportadores estrangeiros, já existentes no Recife, Paraíba e Rio Grande do Norte, e isso só poderia acontecer quando terminasse a guerra de 1914.

Entretanto, durante a guerra (1914-1918), José de Vasconcellos, com o beneplácito dos ingleses, pôde arrendar as instalações de prensagem hidráulica de alta densidade da firma Kroncke e Cia. que por ser alemã estavam com suas exportações paralisadas pela guerra.

José de Vasconcellos, contando assim, com as instalações da Kroncke na Paraíba (atual João Pessoa) pôde iniciar a prensagem dos algodões adquiridos em Campina Grande, com destino a Liverpool e com o final da guerra instalava em 1920/22 a prensa mais moderna da época e de sua propriedade no Recife, na região que hoje é a Rua da Concórdia, travessa da Concórdia, rua da Detenção e estação central da Great Western Railway.

Os negócios de algodão da filial de Campina Grande prosperavam bastante e José de Vasconcellos, contando com a colaboração dos filhos que já haviam regressado da Inglaterra onde completaram seus estudos universitários, planejou e montou a maior prensa hidráulica do país e uma usina de descaroçamento de operação pneumática de última geração, de fabricação americana Murray em 1928/1930, ao lado da estação ferroviária de Campina Grande.

Antes de 1934, a prensa hidráulica de José de Vasconcellos de Campina Grande já estabelece o recorde de produção numa safra, quando ultrapassou o fardo nº 50.000 (10.000.000 de quilos prensados). Com a instalação das fábricas de fiação e tecelagem de Caruaru em 1935 e a de S. Paulo em 1948 e o falecimento de José de Vasconcellos em 1944, José de Vasconcellos e Cia deixaram a atividade de exportação de algodão, definitivamente.⁶

⁶ José de Vasconcellos e Silva Júnior, texto arquivado no Museu da Fábrica, sem data e sem assinatura. Letra e conteúdo reconhecidos por seu irmão Sylvio de Vasconcellos em 29/10/2011.

José de Vasconcellos e Silva Jr. foi enviado por seu pai diretamente da Inglaterra onde cursou a faculdade de Tecnologia na universidade de Manchester, a Campina Grande para ali trabalhar juntamente com seu irmão mais velho Aurélio e posteriormente substituí-lo na administração dos negócios de algodão da principal filial da firma José de Vasconcellos e Cia., foi transferido em 1935 para Caruaru onde foi supervisionar a montagem da maquinaria escocesa e inglesa de fiação e cordoalha da nova Fábrica de Caroá.

A fábrica de Caruaru iria produzir produtos de cordoalha com o fio do caroá, a matéria-prima. O caroá (nome científico: *Neoglaziovia Variegata* Mez), é uma planta terrestre da família das bromeliáceas e é nativa do Nordeste do Brasil. Possui poucas folhas lineares e acuminadas com cerca de 25 cm de comprimento e com até 60 flores, que fornecem longas fibras de grande resistência e durabilidade e não precisa ser replantada quando são extraídas. O caroá é encontrado em locais denominados caroazais e a colheita apresenta certa dificuldade devido aos espinhos encontrados nas folhas. As fibras extraídas das folhas além de servir de fabricação de cordões, cordas e barbantes também são utilizadas na produção de artesanato. Utilizando as palavras do Sr Sylvio de Vasconcellos: “*a aplicação do fio era imensa*”.

(Figura 01: Caroá, planta nativa do sertão nordestino. Fonte: Internet)



A inauguração da fábrica seria o principal acontecimento do município em muitos anos, em reportagem alguns meses antes, o Jornal Vanguarda destaca em sua manchete que o fato “trará a Caruaru o soerguimento Econômico da Nossa Terra com a

Vitória do Caruá”. Na reportagem é relatado com ênfase, além do tamanho do prédio construído que tinha 41.500 m² (Figuras 2 e 3), o número de empregados a serem contratados, 350 operários, (Anexo A). Esse número seria reduzido no dia da inauguração para 200 operários, conforme reportagem também do mesmo jornal (Anexo B). A inauguração da fábrica contou com a presença do então Governador do Estado Carlos de Lima Cavalcanti. A princípio iria acontecer no dia 7 de setembro, mas devido aos compromissos do governador com as comemorações do dia da independência, a cerimônia foi transferida para o dia 09.

(Figura 02: Fábrica de Caroá nos primeiros anos de funcionamento. Fonte: Fábrica de Caroá – História e Memória. PEREIRA e TEIXEIRA. 2011)



(Figura 03: Prédio onde funcionou a Fábrica de Caroá, hoje Espaço Cultural Tancredo Neves. Fonte própria.2011)



A fábrica funcionava 24 horas por dia, seis dias por semana, onde três turmas de operários se revezavam para que o maquinário não parasse de produzir. Devido à imensa popularidade da industrialização do caroá em Caruaru, em 1935 os Vasconcellos foram convidados pelo então governador de Pernambuco Lima Cavalcanti a ingressar na política e José de Vasconcelos e Silva Jr. se candidata a vereador sendo o candidato mais votado.

O coronel José de Vasconcellos faleceu no ano de 1944 na cidade de São Paulo. Em 16 de abril de 1944 o Diário de Pernambuco publicou: “No comércio, foi um dos maiores produtores e exportadores de algodão, levando a magnitude qualitativa da nossa fibra, aos mais exigentes centros consumidores da velha Europa” (...) “Foi o descobridor da primeira grande época econômica do nosso caroá”. O Jornal Vanguarda de Caruaru publica em 19 de março de 1944 que “Caruaru está de pêsames pela perda brusca de um de seus mais diletos filhos”.

A Fábrica de Caroá chegou a empregar um grande número de empregados. Em 1978, ano em que fechou as portas o quadro de funcionários ultrapassa 200 operários. Não havia distinção na contratação de homens e mulheres e a maioria era de moradores de Caruaru, mais precisamente do Salgado, bairro mais populoso da cidade e que abrigava muitas pessoas vindas da zona rural castigada pela seca, ou seja, a procedência imediata urbana – bairro do Salgado - “imbutia” a real origem dos operários. Segundo informações coletadas com ex-funcionários a Caroá era a que melhor pagava na região e o pagamento era em espécie como relata o Sr. Sylvio: “Quando chegava o sábado você recebia o seu dinheiro em espécie, diferentemente daqui do litoral que era vale, vale”. (falando de empresas que funcionavam em Recife na mesma época da Fábrica da Caroá). Um ponto importante com relação aos empregados da fábrica e que não pode passar despercebido, é a questão da contratação de adolescentes entre 14 e 17 anos, condição visada pelos administradores pelo fato de o salário ser inferior ao dos operários de maior idade.

É grande o número de empregados na faixa etária entre 14 e 17 anos trabalhando 48 horas semanais, o que na época era permitido pelas leis trabalhistas. Muitas mulheres faziam parte do quadro de funcionários e além das funções na fábrica havia também os funcionários da parte administrativa. A Fábrica de Caroá durante todo o seu tempo de funcionamento era esperança de emprego para muita gente, tanto pela quantidade de pessoas que empregava como pelo salário que, na época em que estava no auge e na administração dos Vasconcellos era pago em dia, diferentemente do que

aconteciam em outros poucos empregos regulares existentes na cidade. A grandiosidade da fábrica era tanta que por algum tempo os geradores da José de Vasconcellos & Cia. chegaram a fornecer energia para boa parte da cidade de Caruaru, que na época só era abastecida por eletricidade a partir das dezoito horas. Em reportagem da época o Jornal Vanguarda divulga a novidade de que a fábrica iria fornecer “energia diurna” e apela para que esse benefício fosse estendido também aos domingos.

Caruarú amanheceu segunda-feira fora do seu ritmo. Numa febre intensa de vida e de trabalho. A rua do comercio apresentava um aspecto de cidade grande... foi a energia diurna que chegou... queremos, agora, nos dirigir especialmente à firma José de Vasconcellos & Cia... trata-se de energia diurna aos domingos das 12 horas em diante. Neste dia em que a cidade repousa do seu trabalho estafante da semana necessita de diversão. (PEREIRA e TEIXEIRA. 2011. pág. 168 et seq.)

Na metade da década de 1950 a José de Vasconcellos e Cia. estava sob a administração do Sr. Francisco de Vasconcellos onde então é vendida e sucedida pela Companhia Industrial de Caruaru, a fábrica sai das mãos de família Vasconcellos e passa para um grupo de sócios. Os anos 1960 e 1970 são os mais difíceis e as dívidas, principalmente com o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social, atual INSS – Instituto Nacional da Seguridade Social), Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal (FGTS: Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), se tornam cada vez mais impagáveis. A falta de capital de giro, o maquinário defasado e a queda no faturamento devido à concorrência são os principais motivos para a quebra e em 1978 os débitos salariais e obrigações trabalhistas levam a fábrica a fechar as portas, inicialmente por tempo provisório que acaba se tornando definitivo depois de algum tempo. O funcionamento da fábrica era assunto de muito interesse entre os habitantes de Caruaru, como demonstra reportagem do Jornal Vanguarda datada de 08 de outubro de 1978 quando a fábrica ainda não havia decretado falência. Com a manchete de que a “Caroá, não vai fechar as portas”, o jornal divulga que a qualquer momento o Banco do Brasil iria liberar um verba de Cr\$ 6 milhões, evitando que o estabelecimento paralise suas atividades por falta de capital de giro, o que prejudicaria mais de duzentas famílias.

Havia certa preocupação com relação ao fechamento da fábrica, pois segundo o jornal, “prejudicaria cerca de duzentas famílias”. Entretanto, a verba que seria liberada pelo Banco do Brasil e que, pelo menos era o que pensava a opinião pública, salvaria a empresa da falência acaba não sendo liberada devido a débitos com o INPS (Anexo C), “a Caroá tem empréstimo prometido no Banco do Brasil local, porém como deve encargos sociais ao INPS, não pode sacá-lo” (Jornal Vanguarda. 03/12/1978). O

empréstimo do Banco do Brasil só poderia ser liberado com a apresentação de uma certidão negativa de débitos emitida pelo INPS, e que acabou sendo negada (Anexo 4).

Os produtos confeccionados com a fibra do caroá, diferentemente do que aconteceu com o algodão, nunca chegaram a ser exportados, fato de grande relevância em se tratando de desenvolvimento da indústria, pois segundo Kaldor a exportação é “componente da demanda agregada responsável por gerar crescimento sustentável” (FEIJÓ e LAMONICA. 2003. Pág. 4). A terceira Lei de Kaldor enfatiza que quanto maior a taxa de crescimento das exportações, maior o crescimento do produto.

A fábrica então fecha suas portas e começa um longo processo de indenizações trabalhistas. O Banco do Brasil, principal credor, assume o pagamento das rescisões de contrato de trabalho dos operários e recebe o patrimônio da fábrica como quitação do débito. Segundo informações coletadas com antigos funcionários a maioria das máquinas foi vendida como ferro velho. O prédio imponente da fábrica, tão admirado e festejado à época da sua inauguração, posteriormente foi doado pelo Banco do Brasil à Prefeitura de Caruaru.

1.3 Vila Operária e Paternalismo Industrial: A Caroá e outras vilas

Agora tinha ordem viu? Amigo pra tudo. Não deixava faltar nada, agora, tinha ordem. Não podia desobedecer. (Paulo Duarte, ex-funcionário da Caroá⁷).

A nova indústria que se instalava em Caruaru na década de 1930 trazia para a cidade um sistema de trabalho e produção que estava ocorrendo no resto do país e do mundo e que era totalmente desconhecido do operariado que estava sendo empregado na fábrica. Segundo Sr. Sylvio de Vasconcellos “Caruaru era zona de sertão, de agricultores, não estavam acostumados com a vida de operários”. A Fábrica de Caroá, a exemplo de outras indústrias que funcionavam em Pernambuco, no Brasil e no mundo, possuía o que se convencionou chamar de Vila Operária, casas que eram colocadas a disposição de funcionários selecionados pelo patrão. “Nós moramos em 1948, nós começamos a morar lá, eu, ele (*se referindo ao irmão*), se chamava “vila operária da Caroá”⁸. Na figura 4 podemos ver do lado superior direito, por trás das árvores, as casas da vila operária.

⁷ Paulo Duarte apud PEREIRA e TEIXEIRA. 2011. pág. 73

⁸ José Bezerra da Silva e José Bezerra da Silva, irmãos homônimos, ex-funcionários da fábrica, em entrevista no dia 15/10/2011.

(Figura 04. Fonte: Livro “Fábrica de Caroá – História e Memória”. PEREIRA e TEIXEIRA, 2011)



Na primeira metade do século XX esse modelo de fábrica com vila operária estava no auge e se tratava de um tipo de dominação por parte dos patrões para com os operários, era uma forma de o patronato industrial exercer controle sobre a classe trabalhadora. Segundo informações fornecidas através de entrevista pelo Sr. Júlio Alves, antigo funcionário da Caroá, as casas eram destinadas principalmente aos chefes de seções e operários responsáveis pelo funcionamento das máquinas, pois em caso de algum defeito, a qualquer hora do dia ou da noite, os seus serviços eram solicitados para que a produção não parasse. Fica claro que “O operário têxtil, além de ser empregado, é simultaneamente inquilino do imóvel desta mesma fábrica e usuário da rede de serviços” (KELLER, 2005. pág. 6). Em caso de afastamento do empregado por demissão ou espontâneo a casa deveria ser desocupada imediatamente.

A fábrica com vila operária ocorreu em várias cidades brasileiras e no mundo. Na cidade de Paracambi no Rio de Janeiro havia muitas fábricas de tecidos que utilizavam esse sistema no final do século XIX e a primeira metade do século XX. Em Pernambuco a Companhia de Tecidos Paulista possuía a maior vila operária do Brasil com cerca de 6.000 casas e deu origem ao município de Paulista. Nos anos 1960 as propriedades da fábrica ocupavam quase a totalidade das terras do município, entre os anos de 1966 e fim dos anos 1970 a maior parte das casas da vila operária da fábrica em

Paulista, havia sido adquirida pelos seus operários como parte de indenizações trabalhistas (LOPES. 2005).

Outro exemplo de fábrica com vila operária é discutido em López Calle (2010), nesse livro o autor relata a transformação do homem do campo em operário numa fábrica de cimento que funcionou entre 1917 e 1985, no pequeno município de Matillas, região de Guadalajara, Espanha. Assim como a Fábrica de Caroá montada em Caruaru, a fábrica de cimentos El León foi montada em um pequeno município do interior da Espanha, tendo empregado um grande número de pessoas e movimentado a economia da pequena cidade. As fábricas espanhola e caruaruense tinham em comum o trabalho adolescente, a época em que funcionaram e a vila operária, embora a vila da Caroá fosse bem menor que a da fábrica de cimentos. Em ambas as fábricas os trabalhadores começavam a trabalhar muito jovens fazendo pequenos serviços, assumiam um posto maior quando completavam 18 anos e alguns postos de trabalho eram passados de pai para filho. No caso da fábrica de cimentos o trabalhador executava sua tarefa com afinco, pois tinha algo de seu interesse para defender: a moradia, “a moradia se revelava como um instrumento disciplinatório” (CALLE, 2010. pág. 75. Tradução nossa). Segundo Rago,

A “nova fábrica” higiênica, racionalizada e moderna deveria então constituir o palco formador da nova figura produtiva, através de formas cada vez mais insidiosas e sofisticadas de dominação. Mas, ao mesmo tempo, deveria figurar como o lugar da atuação de um tipo de patrão, moderno e agilizado, em oposição à antiga figura do proprietário despótico, arbitrário e rude do passado. (RAGO, 1997. pág. 19)

Além da moradia, a vila operária também oferecia outros serviços aos funcionários. Na fábrica de cimentos espanhola, assim como na fábrica de Caruaru, havia escola destinada a alfabetizar os filhos dos trabalhadores (Figura 05). Em relação à escola disponibilizada aos filhos dos funcionários da Caroá o Sr. Sylvio diz: “Ah, escola era uma coisa que meu pai fazia logo... ele quase que obrigava... não pagava nada”. As casas da vila operária da Caroá, cerca de dez ou doze, (o número de casas diverge entre as pessoas que passaram a informação), eram destinadas aos encarregados da fábrica “pois se quebrasse qualquer máquina o vigia vinha chamar porque ficava pertinho”⁹.

⁹ Palavras do Sr. Júlio Alves, ex-encarregado da fábrica e morador da vila operária.

(Figura 5: Alunos fotografados em frente à Escola da Caroá. Data incerta. Fonte: PEREIRA e TEIXEIRA, 2011. pág. 74)



Keller, outro autor que discute sobre a vila operária, nota que os primeiros sinais de declínio do sistema fábrica com vila operária surgiram nas décadas de 1960 e 1970, coincidentemente a Fábrica de Caroá encerrou suas atividades na década de 1970. A manutenção da rede de serviços que daria apoio à vida operária na fábrica seria um dos motivos da sua decadência. Na maioria dos casos as casas foram adquiridas pelos trabalhadores, é o caso da vila operária de Paulista-PE e de Paracambi-RJ. As casas da vila da Caroá foram vendidas por um valor simbólico aos operários da fábrica ainda quando essa pertencia à família Vasconcelos¹⁰. A exemplo da vila operária da Companhia de Tecidos Paulista, que acabou fundando a cidade de Paulista-PE, tanto as casas da vila da Caroá como as das indústrias têxteis de Paracambi-RJ, foram incorporadas à cidade quando passaram a ser propriedade de seus moradores. Segundo Ciavatta:

De casas brancas, mantidas pelo olhar ativo do dono da fábrica e da vila operária, tornaram-se azuis, rosa, verdes, amarelas, com portas, portões, grades, janelas díspares, varandinhas, bangalôs modestos ou valorizados por um segundo andar. (CIAVATTA, 2007. pág. 13)

O paternalismo industrial é verificado principalmente nas fábricas com vila operária onde o controle do patrão sobre os empregados não fica resumido apenas ao

¹⁰ Palavras do Sr. Júlio Alves, ex-encarregado da fábrica e morador da vila operária.

espaço da fábrica. Segundo Keller no complexo fábrica com vila operária, “há uma forma de o patronato industrial exercer controle sobre a classe trabalhadora” (KELLER. 2005. pág. 5). Através da vila operária o empregador oferece além da moradia, educação, saúde, lazer, entre outros benefícios. Na vila operária da fábrica de cimentos espanhola El Leon, o paternalismo se materializa pelos serviços oferecidos pelos patrões como escolas destinadas à alfabetização dos filhos dos funcionários, hospital, restaurantes coletivos, creches e clube recreativo. A Fábrica de Caroá, por manter uma reduzida vila operária oferecia menores benefícios, além da moradia, tinha a escola, energia elétrica e, nos últimos anos de funcionamento teve o Clube da Caroá e um time de futebol. Assim como outras vilas operárias espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, maiores do que a localizada na área da Fábrica de Caroá, e que funcionaram no mesmo período, o objetivo era o mesmo: controle da mão-de-obra em benefício do funcionamento da fábrica.

Graças a isso o controle dos empregados podia estar diluído em relações informais que não se esgotavam no espaço da fábrica, pois os diretores e encarregados conheciam pessoalmente cada trabalhador, o que fazia no seu tempo livre, suas afinidades políticas, etc. (CALLE. 2010. pág. 65 Tradução nossa).

Durante as entrevistas feitas todos os ex-funcionários demonstraram admiração pela figura do Coronel José de Vasconcellos, e o Sr João Batista chegou a dizer que a melhor época da fábrica foi quando ela pertencia à família Vasconcellos “pois pagava bons salários e sempre em dia”. O Sr. José Bezerra assim define sua imagem do fundador da fábrica:

Ele era um homem muito dinâmico...era uma coisa fora do comum para a época...ele era altamente inteligente...deixou doutores todos os filhos, todos os filhos ele preparou, ele formou, ele era um homem de uma visão muito grande.

O Sr. Sylvio, durante entrevista, conta um acontecimento que deixa clara a preocupação que o seu pai tinha com seus empregados, segundo ele, em certa ocasião um trabalhador teve seu salário roubado assim que saiu das dependências da fábrica. Ao ficar sabendo do fato, o coronel José de Vasconcellos disse as seguintes palavras à Tesoureira: “Dá o dinheiro ao homem, num tá vendo que o homem não pode deixar de comer, como é que ele pode vim segunda-feira trabalhar? Dê o dinheiro a ele”.

Visando certo controle sobre seus empregados a Fábrica de Caroá oferecia serviços e benefícios aos funcionários não só durante o período em que esses estavam no trabalho, mas também nos seus períodos de lazer. Os ex-funcionários entrevistados

contam que havia um time de futebol, um clube dançante, um bloco de carnaval e, também, comentam que a fábrica facilitava a compra de produtos com pagamento através de débito em folha de pagamento, já que naquela época não havia facilidades de compra a crédito no comércio da cidade.

Vinha um caminhão pra fábrica e nós pagava [sic] com o salário-família. Jamais eu não conheci outro empregador talvez no interior de Pernambuco que fizesse o que os Vasconcellos fazia [sic]. Entendeu como era? Um povo muito bom, muito simples. Agora tinha ordem viu? Amigo pra tudo. Não deixava faltar nada, agora, tinha ordem. Não podia desobedecer.¹¹

A citação acima deixa claro os meios e os fins do paternalismo: benefícios em troca da fidelidade e da produtividade do trabalhador. As informações coletadas com os ex-funcionários indicam que o paternalismo utilizado na Fábrica de Caroá alcançava os seus objetivos, pelo menos durante a administração da família Vasconcellos. A única informação de descontentamento do operariado só foi registrada a partir do final da década de 1960 quando a fábrica caminhava para seus últimos anos, nessa época, entre os anos de 1969 e 1970 houve a primeira greve dos trabalhadores, que cobravam salários atrasados.

Nessa época, entre 1969 e 1970, a fábrica estava sob a administração do Sr. Bartolomeu Neri, foi quando ocorreu a primeira falência, e só voltaria com suas atividades normais algum tempo depois, já na administração do Sr. José Veras de Siqueira, antigo fornecedor de caroá. Em 1970 a Companhia Industrial de Caruaru tinha um débito com o Instituto Nacional de Previdência Social – INPS -, houve um parcelamento dessa dívida na tentativa de regularizar a situação da empresa e posteriormente adquirir empréstimo junto ao Banco do Brasil. Em 1977 o INPS nega uma certidão negativa de débitos à Fábrica da Caroá (Anexo C), documento obrigatório para liberação do empréstimo pretendido. Mesmo com o patrimônio da fábrica já hipotecado, a verba é negada pelo Banco do Brasil, medida decisiva para o fechamento definitivo da Caroá. Em 1980, quase dois anos depois da sua falência, a Fábrica da Caroá tinha, somente com o INPS, uma dívida que chegava a mais de 50% do valor do seu patrimônio.

¹¹ Paulo Duarte, apud PEREIRA e TEIXEIRA. 2011. Pág. 73.

2 – A FORÇA DE TRABALHO NA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO

Em seu trabalho sobre os trabalhadores urbanos no Nordeste Lima e Ferreira tinham como objetivo estudar os operários fabris no Nordeste a partir da industrialização incentivada pelo Estado nas décadas de 1960 e 1970. A indústria têxtil nesse período foi desenvolvida em várias regiões e utilizava grandes contingentes de força de trabalho. Segundo eles “uma região marcada pelo desemprego e subemprego estruturais, o trabalho na fábrica assume dupla função: promover a inserção no setor formal e o acesso aos direitos sociais decorrentes e, portanto, à cidadania” (LIMA e FERREIRA. 1994. pág. 1).

2.1 Caracterização da Indústria de Fiação

A região Nordeste desenvolveu sua indústria têxtil principalmente pela grande oferta da matéria-prima, o algodão de boa qualidade. Vários estados se tornaram grandes produtores e o próprio fundador da firma José de Vasconcellos & Cia, iniciou suas atividades de comerciante como produtor e exportador de algodão, muito antes das atividades com a fibra do caroá.

Nos anos de 1970 surgiram diversas fábricas têxteis no Estado de Pernambuco, principalmente nas regiões próximas à Recife, essas fábricas que utilizavam o algodão como matéria-prima tinham muita semelhança, em se tratando de sistema de trabalho e de produção, com a Fábrica de Caroá. Entre os antigos operários dessas fábricas se verifica uma grande quantidade de trabalhadores entre os 12 e 14 anos de idade, com poucos anos de estudo e que não tinha muitas oportunidades de emprego, situação quase que idêntica à dos funcionários da Fábrica de Caruaru. A fábrica servia como um meio de inserção no mercado de trabalho, “a maioria começou como operador de máquinas (*inicialmente aprendiz*) e assim permanece até hoje, ou mesmo se aposentou na função” (LIMA e FERREIRA. 1994. pág. 7. Grifo do autor).

Com base na primeira Lei de Kaldor que diz que existe uma relação direta entre o crescimento da indústria e o crescimento do produto agregado, o surgimento e ampliação da indústria têxtil acarretariam desenvolvimento econômico para a região Nordeste, pois a indústria seria “o “motor do crescimento” por ser o setor mais dinâmico e difusor de inovações” (FEIJÓ e LAMONICA. 2003. pág. 3).

2.2 O Maquinário

Em “O Capital” Marx diz que “a maquinaria tem por finalidade baratear as mercadorias e encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador precisa para si mesmo... ela é o meio de produção de mais-valia” (MARX. 2006. pág. 427). A mais-valia extraordinária seria o tempo que o trabalhador deixa de produzir em proveito próprio e passa a produzir para o empregador, gerando o seu lucro¹². O interesse no uso de máquinas na produção tem como objetivo único e claro gerar lucro para o empresário. O Coronel José de Vasconcellos, assim como conta seu filho, o Sr. Sylvio, assistiu o trabalho de trabalhadores fiando manualmente a fibra do caroá, traçando fios para montar a teia que daria origem a sacos e teve a idéia de produzir esse mesmo material em larga escala através do uso de máquinas. As máquinas seriam as mesmas que fiavam o algodão e para isso o Sr. José de Vasconcellos levou a fibra do caroá para Inglaterra na intenção de verificar se a mesma poderia ser fiada como o algodão. O resultado foi o melhor possível e agora seria então questão de tempo para a montagem do maquinário e o início da produção.

Para o idealizador da produção do fio do caroá em larga escala a máquina passaria a substituir o trabalhador e executar o seu trabalho manual, com maior rapidez e eficiência. A Fábrica de Caroá traria para Caruaru um exemplo do que ocorreu na revolução industrial e que foi discutido por Marx.

A máquina, da qual parte a revolução industrial, substitui o trabalhador, que maneja uma única ferramenta, por um mecanismo que, ao mesmo tempo, opera com certo número de ferramentas idênticas ou semelhantes àquela, e é acionado por uma única força motriz, qualquer que seja sua forma (MARX. 2006. pág. 432).

As máquinas que iriam produzir com o fio do caroá, e que foram instaladas na fábrica de Caruaru, vieram da Inglaterra e Estados Unidos. Algumas poucas foram fabricadas na própria fábrica e a princípio o trabalho seria feito por 42 máquinas. Na figura 6 é mostrada uma fiadeira de fabricação inglesa utilizada para encher as bobinas com o fio do caroá, que se encontra no Museu da fábrica. A figura 7 também mostra uma fiadeira do mesmo modelo, que está em pleno funcionamento e é de propriedade do Sr. Paulo Duarte, ex-funcionário da Caroá. A máquina do Sr. Paulo produz cordão

¹²A Mais Valia é dividida por Marx em Relativa, Absoluta e Extraordinária. Para mais informações veja MARX, Karl. O Capital – Crítica da Economia Política. 24ª Edição. Rio de Janeiro-RJ, 2006. Volume I.

bicolor de algodão exatamente da mesma maneira como se produzia o cordão de caroá, enche cem bobinas ao mesmo tempo e seu funcionamento é à base de energia elétrica.

É uma prova material da qualidade do maquinário que se produzia no início século, segundo o Sr. Paulo essa máquina deve ter em torno de setenta anos de fabricação.

(Figura 6: Fiadeira de fabricação inglesa instalada no Museu da Fábrica. Produção própria.)

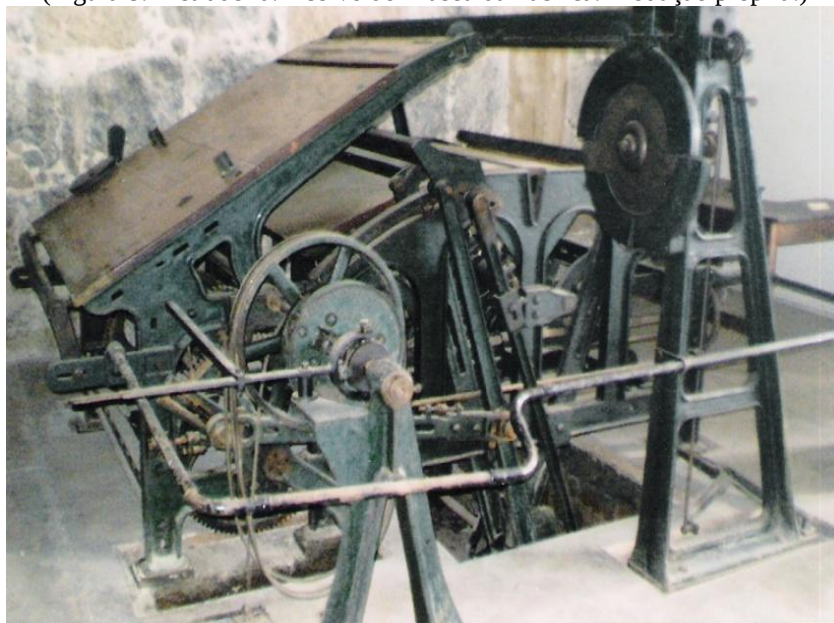


(Figura 7: Fiadeira em plena atividade de propriedade do Sr. Paulo Duarte. Produção própria)

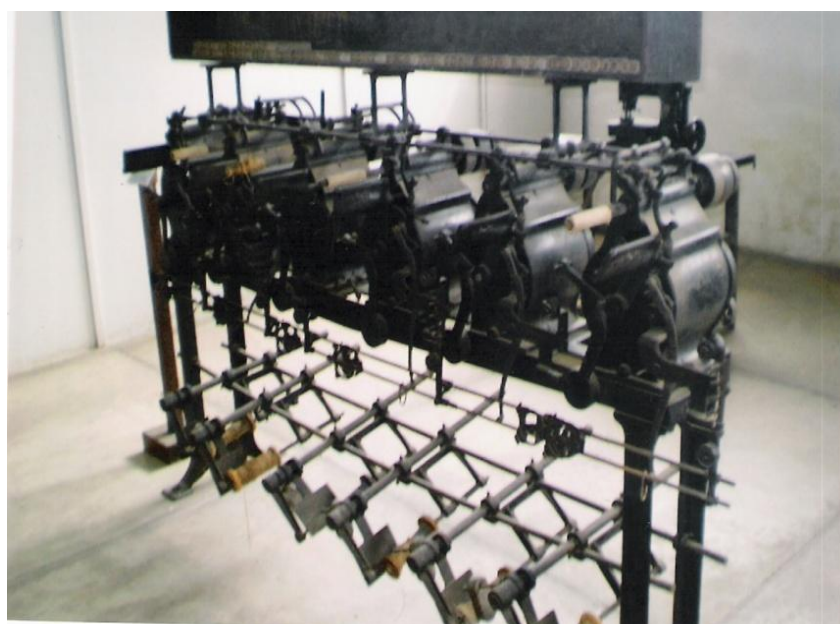


A fibra do caroá passava por todo um processo de beneficiamento, que será mais detalhado na seção 2.3.1, até chegar ao produto final. A maior parte desse beneficiamento era feito através de máquinas que eram operadas pelos trabalhadores. As máquinas a princípio eram movimentadas por energia gerada a diesel e algum tempo depois chegou a ser utilizado também o gás natural. A figura 8 mostra uma metradeira de fabricação inglesa utilizada para medir e cortar o tecido de caroá para a fabricação de sacos e a figura 9 mostra uma bobineira de fabricação norte-americana, ambas fazem parte do acervo do Museu da Fábrica.

(Figura 8: Metradeira. Acervo do Museu da Fábrica. Produção própria.)



(Figura 9: Bobineira de fabricação norte-americana. Acervo do Museu da Fábrica. Produção própria)



2.3 O Controle do Processo Produtivo – A visão Taylorista

A revolução industrial, que teve início na Inglaterra, revolucionou toda a indústria mundial, durante esse período o norte-americano Frederick Taylor deu início a administração científica que passou a se chamar “Taylorismo”. Segundo Saraiva e Provincialli (2002) o taylorismo era fundamentado em três pilares: primeiro, extingue-se gradualmente a crença de que o trabalhador era uma espécie de senhor de um conhecimento tradicional. Segundo, todo possível trabalho cerebral deveria ser banido da oficina e terceiro, a atividade essencial da gerência é o planejamento dos elementos do processo de trabalho. Em outras palavras, a função intelectual de pensar em novas formas e maneiras de tornar o trabalho mais produtivo fica por conta dos administradores, chefes e patrões enquanto que o trabalho braçal fica por conta dos trabalhadores especializados, que só executam, sem precisar pensar. A divisão do trabalho seria então uma das formas encontradas pelo taylorismo para se obter melhores resultados produtivos. O operário era então “transformado numa simples força produtiva, monótona, que não necessita de qualquer esforço intelectual” (MARX, 1987:46 apud SARAIVA e PROVINCIALLI, 2002. pág. 22). A figura 10 mostra operárias da fábrica desfibrando a folha do caroá num sistema de trabalho aos moldes taylorista.

(Figura 10: Operárias “desfibrando” o caroá. Foto do acervo do Museu da Fábrica. Data incerta)



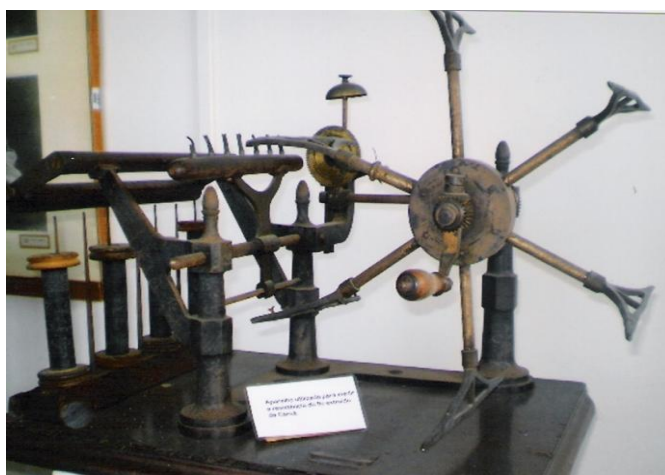
O Sr. Júlio Alves nos deu durante sua entrevista um exemplo claro de que a fábrica de Caruaru utilizava o sistema de Taylor na sua produção. Ele nos conta que a qualidade do fio do caroá era avaliada através da pesagem das bobinas, quanto mais pesada, mas grosso era o fio e pior era sua qualidade. Essa pesagem era feita por um

único funcionário, segundo ele um técnico inglês, que não ensinava seu serviço a ninguém. Ele pesava a bobina e, se a bobina estava com peso acima do ideal, ele “calibrava” a máquina para “afinar” o fio através de cálculos matemáticos. A massa operária depois da máquina calibrada só fazia continuar a produção, seguindo os cálculos do técnico inglês.

Ele fazia aquelas contas nos “papel” [sic] e jogava dentro do cesto de lixo... ele era sabido, ele não botava as “soma” [sic] embaixo, ele botava no meio pra ninguém nunca aprender... eu peguei (os papéis) daí aprendi, mas fiquei calado¹³.

O Sr. Júlio conta que por motivo de doença o técnico inglês precisou ser substituído e para surpresa de todos, ele já sabia calcular a calibragem das bobinas de caroá e o substituiu, passou a ser chefe de seção e a massa operária passava a seguir braçalmente o trabalhado “pensado” dele. A figura 11 mostra um aparelho produzido na própria fábrica que servia para medir a resistência do fio de caroá.

(Figura 11: Resistenciador fabricado na própria Caroá. Acervo do Museu da Fábrica. Produção própria)



O entrevistado José Bezerra da Silva definiu como era o trabalho da pesagem da bobina de caroá: “O mestre geral, que era Júlio Alves, ele pegava um rolozinho, ele ia pra balança lá dentro do escritório e fazia a pesagem, por aquela pesagem que ele fazia, ele sabia a grossura, o tipo de grossura que tava saindo”.

O termo “o homem boi” idealizado por Taylor é discutido em Rago e Moreira (2003). Segundo ele, para a organização científica do trabalho alcançar os resultados esperados o operário teria que ser de “tipo bovino, forte e docilizado” (RAGO e MOREIRA. 2003. pág. 19 e 20). Enquanto que na Europa os trabalhadores reagiram

¹³ Sr. Júlio Alves, ex-funcionário da fábrica, em entrevista no dia 22/10/2011.

com indignação à introdução das máquinas no sistema produtivo, alegando que haveria grande desemprego com a redução dos postos de trabalho, em Caruaru a população via as máquinas da Fábrica de Caroá como um sinal de melhores tempos e emprego para a maioria. Através do sistema taylorista, talvez até não intencional, pois não se tem registros do conhecimento desse sistema por parte dos administradores, a fábrica mantinha certa dominação estratégica que constituía o “trabalhador dócil politicamente e rentável economicamente” (RAGO. 2003).

2.3.1 O Sistema de Trabalho na Caroá

Um dos princípios básicos da administração científica do trabalho, o chamado Taylorismo, apresentado por Margareth Rago (2003) é o de selecionar o trabalhador, treinar, ensinar e aperfeiçoar. Na Fábrica de Caroá havia uma divisão do trabalho, a produção seguia etapas, passando pelo trabalho manual e pelas máquinas até a finalização do produto primário. O trabalho começava pela seleção da folha do caroá, passando pelo transporte até a fábrica, quando então começava a chamada “preparação”. A folha do caroá tinha que ter um comprimento ideal, não poderia ser muito longa e nem curta demais, pois as folhas mais longas tem maior facilidade de se partirem no momento da desfibrilação. O transporte das folhas de caroá era feito por caminhões durante o verão (de maiores distâncias) e no inverno (de lugares mais próximos). Durante o inverno, o transporte de locais onde o caminhão não podia chegar era reforçado por jumentos. Sr. Sylvio explica a ajuda do jumento no transporte do caroá: “O jumento e o carro de boi, então nós tínhamos que ter um batalhão de guerrilheiros no jumento, pra trazer a matéria-prima, na hora da agonia, porque eu mando um caminhão e ele não volta (*devido aos atoleiros do inverno*)” (Grifo meu).

A seguir é detalhado passo a passo o trabalho realizado pelos operários desde a colheita da folha do caroá até o produto final pronto.

1ª PREPARAÇÃO:

1 - Após a colheita da folha ela era desfibrada, boa parte era feito nas fazendas onde havia a colheita, depois era exposta ao sol para secagem. Na figura 10, mostrada anteriormente, aparecem mulheres desfibrando o caroá na fazenda São Gonçalo, de propriedade da família Vasconcellos. A figura 12 mostra apenas uma pequena parte da

imensidão de fibras que eram expostas na fazenda. O bagaço que sobrava desse trabalho de desfibragem servia de alimento para os animais.

2 - Depois da secagem da fibra, havia os batedores que tinham a função de amaciar o caroá. Segundo Sr. Júlio, a maioria dos batedores eram meninos e trabalhavam no pátio da fábrica.

(Figura 12: Fibra de caroá exposta ao sol para secagem. Foto do acervo do Museu da Fábrica)



3 – O próximo passo então seria a cortadeira, que tinha a função de deixar a folha com cerca de 70 cm, folhas muito longas não rendiam.

4 – Por último a fibra passava pela máquina “cardas”, nessa máquina a fibra entrava bruta e ainda saia grossa. Na fábrica havia cinco máquinas cardas. Nessa primeira preparação, por ser um trabalho mais pesado, trabalhavam mais homens do que mulheres.

2ª PREPARAÇÃO

1 – A fita que saía da cardas passava então pela máquina de estiragem, havia três máquinas dessas e tinham a finalidade de “afinar” essa fita. Quando a fita passava por todo o processo de estiragem chegava na fiação da “grossura de um dedo” (palavras do Sr. Júlio).

2 – Na “bobineira” o fio que vinha da estiragem se tornava então da espessura ideal para a fiação.

3 – Depois que o fio era bobinado estava pronto para passar por máquinas destinadas a fabricação de produtos distintos. Na “urdideira”, espécie de máquina de fiação, era

traçada uma espécie de “teia” ou rede, com cerca de 120 a 180 fios, servia para a confecção de sacos para transporte de algodão, cebola e outros produtos. Nessa seção de costura de sacos havia mais mulheres do que homem.

4 – Havia também a “chicoteira”, que utilizava o fio para traçar uma espécie de cordão que tinha uma infinidade de utilidades, como por exemplo, amarrar os fardos de algodão embalados com o próprio saco de caroá. A “retorcedeira” fazia certos tipos de cordões que eram engomados em máquinas chamadas de “calandras” e que eram utilizados em embalagens. A figura 13 mostra a fio de caroá pronto.

(Figura 13: Fio do caroá pronto para fabricação de cordas, cordões, estopas etc. Acervo do Museu da Fábrica. Produção própria)



Durante sua entrevista, o Sr. Júlio relatou que todos os trabalhos com raríssimas exceções, eram realizados tanto por homens como por mulheres, independente da idade. A partir do momento que a bobineira passava a “encher” as bobinas com o fio do caroá automaticamente, precisando apenas que um funcionário inspecionasse se nenhum fio se partiria, a fábrica passava a utilizar o que Marx chamou de “sistema automático”.

Quando a máquina-ferramenta, ao transformar a matéria-prima, executa sem ajuda humana todos os movimentos necessários, precisando apenas da vigilância do homem para uma intervenção eventual, temos um sistema automático, suscetível, entretanto, de contínuos aperfeiçoamentos. (MARX. 2006. pág. 437).

Havia treze bobineiras que enchiam oitenta bobinas de uma única vez. Em cada uma delas um fiador era responsável pelo seu funcionamento e dez a doze auxiliares de fiação eram responsáveis pela troca das bobinas cheias por bobinas vazias. Segundo o Sr. Júlio Silva, ex-funcionário:

Aquelas treze máquinas quando enchia [sic] as bobinas, (o fiador) batia na caixa da máquina, aí vinha [sic] 10 meninos e meninas, tudo misturado [sic], todo na idade de menor [sic], cortava aqueles fio [sic], tirava aquela bobina e botava outra seca [sic], aí a máquina começa trabalhar...aquilo ali era ligeiro que era pra não perder tempo.

A tabela 1 mostra as funções exercidas pelos operários homens de fábrica. Como se pode verificar a função de Aprendiz de Fiação foi a mais verificada nas fichas de registros de empregados analisadas nesse trabalho¹⁴. Isso ocorre devido ao grande número de menores contratados e que exerciam atividades diversas, como varrer o salão da fábrica, carregar bobinas e fibra de caroá em carro de mão, entre outras. As atividades que exigiam maior habilidade e conseqüentemente pagavam melhores salários, como o manuseio da máquina cardas, a estiragem, carpintaria e oficina tinham um número bastante reduzido de trabalhadores. Algumas atividades como a chicotaria, cordoaria e tecelagem pagavam por produção e por isso eram mais visadas pelos trabalhadores. O funcionário entrava como trocador de bobina, com a prática adquiria agilidade e então era promovido pelo encarregado da seção para fiador.

O Sr. José Bezerra da Silva, ex-funcionário da fábrica disse em sua entrevista que o “seu salário passava de dois, três salários do que você ganhava”. A função de encarregado de seção era a mais visada e a mais difícil de ser alcançada, pois com ela vinha a posse de uma casa na vila operária. Para chegar a ser um encarregado, o Sr. José Bezerra reforça que “era pedir a Deus que um encarregado morresse! ganhava casa pra morar, a luz [sic], a água, era como ganhar na loteria”.

A tabela 2 mostra a frequência das funções exercidas pelas mulheres. Nessa tabela é verificada a função de Tecelã, que tinha como finalidade a costura dos sacos de caroá em máquinas de costura, essa função não foi verificada nas fichas dos homens embora tenha sido coletada, durante as entrevistas, a informação de que os homens também trabalhavam como tecelões na costura dos sacos. D. Severina Bezerra, ex-funcionária da fábrica, durante sua entrevista, disse ter trabalhado nessa função durante quase seis anos. A maioria das funções se repete nas duas tabelas, o que reforça a informação do Sr. José Bezerra ao dizer que “todas as seções trabalhava homem e mulher misturado [sic]”.

¹⁴ Nas fichas de registros de empregados que fazem parte do acervo do Museu da Fábrica, foram coletadas as seguintes informações: idade de admissão, sexo, naturalidade, raça, grau de instrução, estado civil, função exercida, bairro residido, data de admissão e demissão, salário e tempo de serviço.

Tabela 1: Frequência das funções dos operários da Caroá.

FUNÇÃO	FREQUENCIA
Aprendiz de fiação	130
Trocador de bobinas	27
Servente	16
Aprendiz de preparação	13
Aprendiz de cardas	12
Estiragem	9
Aprendiz de estiragem	7
Serviços gerais	6
Cardas	5
Aprendiz de calandras	3
Aprendiz de tecelagem	3
Zelador	3
Ajudante de eletricista	2
Aprendiz de chicoteira	2
Aprendiz de cordoaria	2
Auxiliar de escrita	2
Aprendiz de retorcedeira	1
Aprendiz de batedor	1
Aprendiz de oficina	1
Carpinteiro	1
Continuo	1
Escriturário	1
Pedreiro	1
Preparação	1
Servente de pedreiro	1
Vigia	1
Total	252

Produção própria.

Tabela 2: Frequência das funções das operárias da Caroá.

FUNÇÃO	FREQUENCIA
Aprendiz de fiação	47
Aprendiz de tecelã	8
Fiadeira	8
Servente	6
Trocadora de bobina	5
Amaciadeira	4
Tecelã	4
Aprendiz de amaciadeira	2
Aprendiz de cardas	2
Aprendiz de enroladeira	2
Aprendiz de estiragem	2
Auxiliar de escrita	2
Zeladora	2
Aprendiz de massaroqueira	1
Aprendiz de bobineira	1
Aprendiz de preparação	1
Cardas	1
Estiragem	1
Serviços gerais	1
Total	100
Produção própria.	

3 – PERFIL DA FORÇA DE TRABALHO DA CAROÁ

3.1 A Formação da mão-de-obra

Para explicarmos a formação da mão-de-obra utilizada na Fábrica de Caroá é preciso retornar ao final do século XVII quando a economia do Nordeste era movimentada por dois sistemas: o açucareiro e o criatório. A partir do final desse século e durante todo o século XVIII a produção do açúcar teve grande baixa, e à medida que a indústria açucareira reduzia sua produção aumentava a atividade criatória, que não precisava de um volume de capital tão grande quanto o que a produção canavieira exigia. À medida que a indústria açucareira não atendia as necessidades de emprego da mão-de-obra agora desocupada, esta era atraída para o interior visando o trabalho na pecuária, o chamado sistema criatório. “Dessa forma, quanto menos favoráveis fossem as condições da economia açucareira, maior seria a tendência imigratória para o interior” (FURTADO. 2007. pág. 104). A pecuária não exigia grandes somas monetárias para sua produção e as condições de trabalho e alimentação, diferentemente da produção do açúcar, estimulava o crescimento vegetativo de sua própria força de trabalho. O Nordeste vai então, se “transformando progressivamente em uma economia em que grande parte de sua população produzia apenas o necessário para subsistir” (FURTADO. 2007 p. 64 apud ARAÚJO et al. p. 186). A economia de subsistência, aquela em que o indivíduo ou a família produz alimento apenas para sua própria sobrevivência, começa a fazer parte do cotidiano da população do interior nordestino.

A formação da população nordestina e a de sua precária economia de subsistência – elemento básico do problema econômico brasileiro em épocas posteriores – estão assim ligadas a esse lento processo de decadência da grande empresa açucareira que possivelmente foi, em sua melhor época, o negócio colonial agrícola mais rentável de todos os tempos. (FURTADO. 2007. pág. 106).

Assim como em meados do século XIX a transição do regime escravista brasileiro para o regime de trabalho assalariado não aconteceu de imediato, a transformação do homem do campo em trabalhador industrial também ocorreu lentamente. A mão-de-obra que foi liberada da indústria açucareira e que agora se interiorizava através da economia criatória, tinha a “roça” como base dessa economia de subsistência e era totalmente despreparada, ou seja, o setor de subsistência agrupava força de trabalho não qualificada para a industrialização que estaria por vir.

A economia de trabalho que emergirá da transição da economia primário-exportadora da República Velha para a era da industrialização substitutiva de importações estará permanentemente regulada por uma oferta de trabalho não qualificado, oriundo do setor de subsistência da economia. (ARAÚJO. et al. 2009. pág. 235)

No Agreste e Sertão nordestinos a economia de subsistência era baseada principalmente na criação de gado, onde se encontrava a maior parte da população, e a expansão dessa economia dependia exclusivamente do crescimento do rebanho. A seca passa a ser então decisiva para a sua manutenção e “ganha caráter de catástrofe social” (ARAÚJO. Et. AL. 2009 pág. 187), ao impedir o crescimento vegetativo do rebanho e expulsando a mão-de-obra desqualificada na zona rural para a zona urbana à procura de emprego e à conseqüente transformação do homem do campo em trabalhador industrial.

Durante as últimas décadas houve um ingresso considerável da mulher no mercado de trabalho, no Nordeste principalmente, esse movimento era no intuito de aumentar a renda familiar, pois o rendimento do chefe da família já não era suficiente para suprir todas as necessidades. Isso ocorreria até os anos 1980 quando houve por parte das famílias de baixa renda a super utilização dos seus membros como trabalhadores assalariados. Na década de 1970 houve aumento da participação da mulher na PEA (*População economicamente ativa*) de 21 para 28% e uma considerável melhoria na renda familiar e diminuição dos níveis de pobreza (PASTORE e COL. apud OMETTO. et al. 1995. pág. 405. Grifo meu).

A Fábrica de Caroá então, não teria problema em formar sua mão-de-obra operária, já que na região do Agreste caruaruense havia um grande número de agricultores que passavam por dificuldades devido às constantes secas, e a cidade de Caruaru estava se tornando atraente às pessoas a procura de emprego. Em reportagem do ano de 1935 o Jornal Vanguarda destaca que seria empregado a princípio um número de 350 funcionários e a firma José de Vasconcellos & Cia. fazia questão que quase todos fossem de Caruaru. Os dados apurados das 350 fichas analisadas nesse trabalho entre os anos de 1950 e 1978 mostram que do operariado masculino 55,35% era da cidade de Caruaru, 41,10% era natural de outros municípios e apenas 3,55% era de outros estados. Com relação às mulheres os resultados foram diferentes, pois as fichas mostraram que a maior parte delas, ou seja, 53% tinham naturalidade de outros municípios, 42% eram naturais de Caruaru e 5% vieram de outros Estados.

A mão-de-obra embora fosse vasta não era especializada, como grande parte dos admitidos era menor, a maioria dos empregados nunca havia trabalhado antes,

acontecia então o mesmo movimento ocorrido na fábrica de cimento El Neon citada anteriormente: “a transformação do homem do campo em trabalhador industrial... os trabalhadores se mudaram para viver na colônia de Matillas e se transformaram em trabalhadores industriais” (CALLE. 2010. pág. 78 e 97. Tradução nossa).

A especialização do operário, exigida pelo sistema taylorista, era feita então dentro da própria Fábrica de Caroá. O serviço era passado por trabalhadores mais experientes aos iniciantes e essa facilidade de aprendizagem só viria ocorrer após alguns anos, pois na inauguração da fábrica, como as máquinas eram importadas, todos os seus manuais eram em inglês, então os primeiros trabalhadores tiveram que obrigatoriamente aprender o seu manuseio na prática.

A figura 14 mostra pessoas à procura de emprego nos portões da fábrica. A foto é da década de 1970 e mostra que, mesmo no seu pior período de funcionamento a fábrica ainda atraía trabalhadores à procura de uma ocupação remunerada. As vagas de emprego em Caruaru não eram muitas e a fala do Sr. José Bezerra, ex-funcionário da fábrica explica bem a situação: “ou trabalhava nessa meia dúzia de firma que tinha [sic] aqui ou era agricultor”.

(Figura 14: Trabalhadores a procura de emprego na fábrica na década de 1970. Fonte: Livro “Fábrica de Caroá – História e Memória”. PEREIRA e TEIXEIRA. 2011)



3.2 O Perfil do Operário Industrial da Caroá

O perfil do trabalhador empregado na Fábrica de Caroá buscado nesse trabalho, foi baseado fundamentalmente na pesquisa documental que é aquela que “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL. 2010. pág. 51). Durante o trabalho de pesquisa foi verificado que no acervo do Museu da Fábrica havia um arquivo contendo as fichas de quase todos os funcionários que trabalharam na firma. São 3.525 fichas, das quais 2.530 são de homens e 995 de mulheres. A figura 15 mostra uma dessas fichas¹⁵. Devido ao grande número de fichas e algumas não estarem preenchidas com todas as informações buscadas, do total arquivado foi retirada então uma amostra de 10%, ou seja, 352 fichas, no período de 1950 a 1978. Esse período foi escolhido devido a maior parte das fichas serem datadas dessa época e estarem preenchidas mais detalhadamente.

(Figura 15: Ficha de registro de empregados da Fábrica de Caroá. Fonte: Museu da Fábrica)

REGISTRO DE EMPREGADOS		N.º
Firma: <u>COMPANHIA INDUSTRIAL CARUARU</u>	Rua <u>Pro. Cel. JOSÉ VASCOCELOS N.º S/N</u>	
Polegar Direito	NOME <u>ÁLVARO</u> <u>chapa 171</u>	
	FILIAÇÃO { Pai <u>Miguel</u> Mãe <u>Josefa</u>	
CARTEIRA	Profissional <u>11.</u> Série <u>3</u> - <u>PE.</u>	
	Reservista	
	Estrangeiro <u>Cart. Saude nº 11/25.7.72, de Caruaru-Pe.</u>	
	Instituto	
Sindicato a que pertence <u>Fiação e Tecelagem de Caruaru</u>		Matrícula N.º
Estado civil <u>solteiro</u>	Gráu de instrução <u>admissão ao ginásial</u>	Idade <u>15</u> anos
Data do nascimento <u>20 / 10 / 57</u>	Nacionalidade <u>brasileiro</u>	Naturalidade <u>Caruaru-PE.</u>
Lugar onde reside <u>Caruaru-PE.</u>	Data da admissão <u>22 / 02 / 73</u>	
Função <u>aprendiz de fiação</u>	Salário <u>CR\$0,40 h/hora</u>	Forma de pagamento <u>semanal</u>
QUANDO ESTRANGEIRO { Data que chegou <u>/ /</u> É naturalizado? <u>/</u> É casado com brasileira? <u>/</u> Tem filhos brasileiros <u>/</u>		
Teve emprego antes — Sim ☐ Não ☒ F. G. T. S. — Optante? <u>sim</u> Em <u>22 / 02 / 73</u> Retratção em <u>/ /</u>		
Banco depositário <u>Banco do Brasil S/A-Agência em Caruaru-PE.</u>		
End. pça.dep. <u>Pedro de Souza s/nº-CARUARU-PE.</u> Horário de Trabalho: Das <u>6</u> às <u>18</u> horas		
com o intervalo de <u>4</u> horas para refeição e descanso e aos sabados das <u>6</u> às <u>18</u> horas num total de <u>48</u> horas semanais. — Beneficiários <u>pais</u>		
Ass. DO EMPREGADO <u>Álvoro</u>		Data do Registro <u>22 / 02 / 73</u>
Data <u>22 / 02 / 73</u>		Dispensado em <u>29.06.73</u>
		
RAMIRO COSTA & CIA. LTDA. - RUA 1.º DE MARÇO, 14/24 - CDD 19.776.821/501 - RECIFE		

¹⁵Os sobrenomes e número do documento foram apagados visando à preservação da privacidade.

A fábrica optava por admitir funcionários abaixo dos 18 anos de idade, pois nessa faixa etária o salário era bastante reduzido, cerca de 50% do salário mínimo. Isso explica a porcentagem de quase 70% dos homens e 53% das mulheres se encontrar abaixo dos 18 anos. Ao atingir a maior idade o funcionário era efetivado e praticamente ganhava estabilidade no emprego, chegando a trabalhar por vários anos, como foi o caso dos entrevistados que trabalharam na fábrica até o seu fechamento. Isso eleva a idade dos 30,04% admitidos acima dos 18 anos, explicando o porquê de mesmo a maioria estando abaixo dos 18 anos, a média da idade de admissão ficou em 18,6 anos. A baixa faixa etária de admissão explica a alta porcentagem de operários solteiros, já que a maioria deles se encontrava entre as idades de 14 a 17 anos. Da amostra coletada foram retirados os seguintes dados, separados por homens e mulheres:

Tabela 3 - Características dos Operários da Fábrica de Caroá (em porcentagem)

	Idade de Admissão	
	Homens	Mulheres
Menores	69,96	53
Maiores	30,04	47
Média (em anos)	18,6	21,2
	Estado Civil	
	Homens	Mulheres
Casado(a)	11,07	15
Solteiro(a)	88,54	84
Viúvo(a)	0,39	1
	Raça	
	Homens	Mulheres
Branca	45,47	53
Parda	35,96	37
Preta	18,57	10
	Grau de Instrução	
	Homens	Mulheres
Analfabetos	35,97	33
Até 4 anos de estudo	61,66	64
Mais de 4 anos de estudo	2,37	3
	Tempo de Serviço	
	Homens	Mulheres
Mais de um ano	16	36
Menos de um ano	84	64
Média (em meses)	14	25,18

Produção própria.

Durante as entrevistas, foi relatado pelos ex-funcionários que havia um grande número de mulheres empregadas na fábrica, alguns como o caso de D. Severina Bezerra, ex-funcionária e casada com o Sr. José Bezerra da Silva também ex-funcionário da fábrica, chegou a afirmar que havia mais mulheres empregadas do que homens. Essa impressão talvez seja pela não tradição na época de mulheres trabalhando fora de casa, pois o número das fichas analisadas mostra que apenas 30% dos funcionários eram do sexo feminino.

A idade média de admissão das mulheres é superior à dos homens e conseqüentemente a porcentagem de mulheres casadas também é superior. Essa média superior pode ser explicada pelo fato da tradição da mulher ser educada para os serviços domésticos e não para o trabalho fora de casa. A mulher era impedida por parte do pai de trabalhar fora de casa ou só entraria no mercado de trabalho após o casamento para ajudar a renda familiar.

A maioria dos operários é de raça branca e parda 81,43%, esse número era esperado, já que a região Agreste não apresenta um número elevado de habitantes da raça negra, diferentemente da região litorânea que apresenta maior concentração de população negra. Quanto à instrução, foi verificado que a grande maioria dos homens era de semi-analfabetos, 61,66%. Durante os trabalhos foi delimitado um faixa de anos de estudo para facilitar a obtenção dos resultados, já que nas fichas dos operários haviam informações dispersas como: até o 1º ano primário, até o 2º ano primário etc..

Assim como foi apurado com o operariado masculino, a maior parte das mulheres trabalhadoras da fábrica também era de brancas e pardas, porém elas eram melhores alfabetizadas do que eles. A taxa de 64% de alfabetização das operárias da Caroá se aproxima da taxa nacional alcançada na década de 1970, que era de 67,7% das mulheres em idade de 25 a 29 anos (MONTEIRO. 1993 apud OMETTO. et al. 1994). É claro que durante o período analisado houve bastante melhoria, ou pelo menos incentivos, na alfabetização da população. A partir de década de 1940 o governo implantou algumas campanhas para diminuir o analfabetismo no Brasil: a Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes (1947-1963), a Campanha Nacional de Educação Rural (1952-1963), a Campanha Nacional de erradicação do Analfabetismo (1962-1963); as Comissões de Cultura Popular e Programa Nacional de Alfabetização (1963-1964) e o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), criado durante o regime militar e que vigorou entre os anos de 1964 a 1985.

O MOBRAL foi criado pela Lei nº 5379 de 1967 e sua preocupação central “era que o indivíduo fosse alfabetizado para facilmente receber as informações e desempenhar corretamente seu papel na sociedade e no desenvolvimento” (COLETI. 2008. pág. 4). Essa melhor alfabetização feminina pode ser explicada também pelo fato da tradição da mulher não trabalhar fora de casa, pois já que o homem teria que trabalhar o mais cedo possível para ganhar o sustento da casa, também ele abandona os estudos mais cedo. Na Fábrica de Caroá, por exemplo, o adolescente trabalhava oito horas diárias durante seis dias por semana, quase não sobrava tempo para a sua alfabetização.

A tabela 4 mostra a variação da alfabetização feminina da Fábrica de Caroá no decorrer dos anos analisados neste trabalho, onde é verificado que com o passar dos anos diminuiu a quantidade de mulheres analfabetas e aumentou a quantidade de operárias com mais de quatro anos de estudo.

Tabela 4: Média dos Anos de Estudo das Mulheres (em%)
(entre os anos de 1950 e 1978)

Anos de Estudo	1950-54	1955-59	1960-64*	1965-69	1970-74	1975-78
Analfabeta	46	89	1	-	6	7
Até 4 anos de estudo	54	11	99	-	89	86
Acima de 4 anos	-	-	-	-	5	7

*A partir do início da década de 1960 houve grande redução na contratação de mulheres, ao ponto de não ser verificada nenhuma ficha no período de 1965 a 1969 dentro da amostra analisada. (Produção própria).

Durante a pesquisa documental um dado já era esperado antes mesmo da apuração dos resultados: o tempo de serviço médio seria bastante reduzido. Essa dedução foi devido ao grande número de operários que trabalhavam poucos meses. Isso se explica pelo fato de que os trabalhadores quando completavam um ano de serviço teriam direito a férias, 13º salário entre outros benefícios trabalhistas. A fábrica então optava por demitir o empregado antes do período de doze meses de registro e readmiti-lo posteriormente. Essa prática foi verificada na análise das fichas, pois foram localizadas várias fichas do mesmo funcionário, em períodos diferentes e com duração de poucos meses.

A média de tempo de serviço das operárias superior à dos homens pode ser explicada justamente pela média de idade de admissão maior delas. Já que a maioria das mulheres era empregada acima dos dezoito anos de idade, a fábrica não tinha interesse em demiti-las devido aos direitos trabalhistas adquiridos. E também pela própria

formação educacional da mulher, mais dócil, mais responsável e menos causadora de conflitos que os homens, leva a um aumento da média de permanência no emprego. Outro dado bastante significativo é a questão de que 51% dos funcionários, entre homens e mulheres, moravam em Caruaru no bairro do Salgado. Esse fato se dá tanto pela proximidade do bairro em relação à fábrica como também por ser, desde essa época, o bairro mais populoso de Caruaru¹⁶.

A tabela 5 mostra a média do tempo de serviço e idade de admissão no decorrer do tempo analisado neste trabalho. Nessa tabela é possível verificar que o trabalho de adolescentes na fábrica diminui gradativamente e que, à medida que vai diminuindo a contratação de empregados abaixo dos 18 anos o tempo de serviço trabalhado aumenta, em outras palavras, quanto mais velho o trabalhador contratado mais tempo ele fica empregado. Esse dado é verificado tanto para homens como para mulheres.

Tabela 5: Média do Tempo de Serviço e Idade de Admissão dos Operários (em%)

(homens entre os anos de 1950 e 1978)

Tempo de Serviço e idade de admissão	1950-54	1955-59	1960-64	1965-69	1970-74	1975-78
Menos de um ano	97	89	95	80	60	44
Mais de um ano	3	11	5	20	40	56
Maior	30	15	21	44	52	69
Menor	70	85	79	66	48	31

(mulheres entre os anos de 1950 e 1978)

Tempo de Serviço e idade de admissão	1950-54	1955-59	1960-64*	1965-69	1970-74	1975-78
Menos de um ano	74	89	99	-	43	66
Mais de um ano	26	11	1	-	57	44
Maior	15	100	100	-	43	77
Menor	85	-	-	-	57	23

*A partir do início da década de 1960 houve grande redução na contratação de mulheres, ao ponto de não ser verificada nenhuma ficha no período de 1965 a 1969 dentro da amostra analisada. (Produção própria).

¹⁶ Trabalho datado de 1974 mostra que a poluição do bairro do Salgado era de 16.168 habitantes, o bairro Nossa S. das Dores (centro), segundo bairro mais populoso, tinha 14.194 habitantes (SILVA et. al. 1974. pág.29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instalação da filial em Caruaru da firma José de Vasconcellos e Cia. em 09 de Setembro de 1935 é, sem sombra de dúvidas, um divisor de águas para a cidade. O município que não tinha a indústria de transformação como forte geradora de empregos e renda, vê surgir um complexo produtivo jamais visto nas redondezas. A inauguração da ‘Fábrica de Caroá’, como ficou conhecida a nova empresa, foi um dos maiores, senão o maior acontecimento ocorrido no município desde sua emancipação política até então.

A nova fábrica implantada na cidade, além de trazer a industrialização através do seu maquinário e do sistema de trabalho, trouxe à cidade também a vila operária e o paternalismo industrial interligando Caruaru com o que vinha ocorrendo não só na indústria nordestina como também na brasileira e mundial. Diferentemente da opinião do trabalhador europeu em relação à introdução da maquinaria pela industrialização, onde alegava que haveria grande desemprego ao serem substituído pelas máquinas, a população de Caruaru recebeu o maquinário da Fábrica de Caroá como uma solução para a falta de empregos.

A Fábrica de Caroá utilizou mão-de-obra desde a sua construção, dois anos antes da inauguração, até seus últimos dias de funcionamento na década de 1970. Essa mão-de-obra era totalmente desqualificada, pois na região não se tinha força de trabalho industrial especializada. A transformação do homem sem experiência, de baixa ou nenhuma escolaridade em operário industrial foi feita então pela própria fábrica, bem aos moldes do sistema de trabalho taylorista, onde a figura menos importante é a do trabalhador e o que mais importa é a sua força de trabalho.

A fábrica gerou externalidades positivas, não só para a classe trabalhadora, dando acesso a serviços até então não alcançados através do registro da carteira de trabalho, como também para a cidade ao gerar renda direta e indiretamente, além de benefícios públicos, como o fornecimento de energia elétrica gerada pela fábrica para alguns setores da cidade. O grande número de empregados de baixa escolaridade contratados, verificado nesse trabalho, indica que uma parcela da população da cidade foi inserida dentro de programas sociais (INSS- Instituto Nacional da Seguridade Social e FGTS- Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), que até então não eram tão fáceis de ser alcançados por analfabetos ou semi-analfabetos.

Além da vila operária e do paternalismo industrial, caracterizado pelo fornecimento de benefícios pela fábrica aos operários, a Caroá traz inovações como a contratação do trabalho feminino, que já vinha ocorrendo na mesma época na indústria têxtil paulista, por exemplo, mas que no Nordeste ainda estava em fase de amadurecimento.

A nova indústria de transformação instalada em Caruaru, que iria produzir em larga escala um tipo de mercadoria a partir de uma matéria-prima até então nunca utilizada por nenhuma outra indústria no mundo (a Fábrica de Caroá foi a primeira e última a beneficiar a fibra do caroá), traz então para a cidade inovações como a vila operária que já existia, por exemplo, na Companhia de Tecidos Paulista situada na zona metropolitana de Recife e nas Companhias Têxteis da cidade de Paracambi-RJ, paternalismo industrial semelhante ao da fábrica de Cimentos El Leon na Espanha e o sistema de trabalho taylorista, que por muito tempo foi utilizado no resto do mundo.

O desconhecimento da massa trabalhadora da Fábrica de Caroá verificado no início deste trabalho, é em parte reduzido a partir da análise efetuada nas fichas dos operários que, baseada nos dados apurados, traçou um perfil que nos dá a uma idéia de quem eram esses trabalhadores: basicamente o operariado da Caroá era composto por trabalhadores não-qualificados, de baixa escolaridade e faixa etária, os homens eram a maioria, embora o número de mulheres operárias fosse bastante significativo, e elas tinham melhor escolaridade do que eles. Nas primeiras décadas de funcionamento da fábrica houve bastante contratação de menores e com o passar dos anos esse número decaiu, podendo ser explicada pelas novas Leis trabalhistas e pelo fortalecimento dos sindicatos.

A classe operária industrial da Fábrica de Caroá era então, formada por pessoas de baixa renda, castigadas pela seca, com poucas oportunidades de emprego e de acesso à cidadania. As firmas José de Vasconcellos e Cia. e a Companhia Industrial de Caruaru deram, através do beneficiamento de uma matéria-prima nativa do sertão, o caroá, o acesso à cidadania a aproximadamente 3.525 trabalhadores, durante 43 anos de funcionamento.

(ANEXO A - Reportagem de inauguração 01/05/1935 Fonte: arquivo do Jornal Vanguarda)

VANGUARDA

7

1-5-1935

FABRICA DE CAROÁ

A Proxima Inauguração Do Maior Centro Industrial Do Interior Do Estado-Os Relevantes Benefícios Que Trará A' Caruarú - O Soerguimento Economico Da Nossa Terra Com A Vitória Do Caroá

Não podíamos publicar a presente edição sem que não informássemos aos nossos leitores algo sobre a Fabrica de Caroá, um dos maiores surtos de progresso para nossa terra, dos srs. José de Vasconcelos & Cia., firma de conceituado merito que tem como chefe um filho de Caruarú, o cel. José de Vasconcelos, de tradicional familia desta cidade.

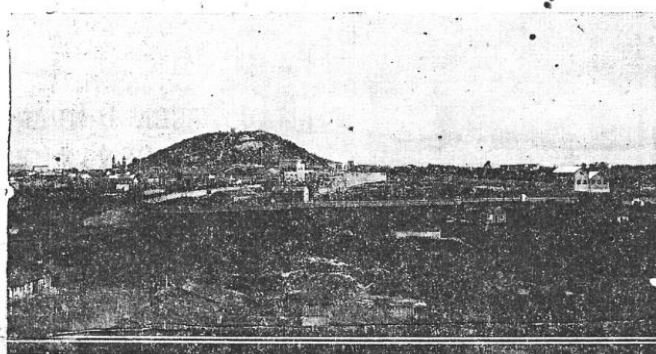
Bastaria esse motivo para que a Fabrica de Caroá fosse instalada, como foi, nesta cidade, doando assim Caruarú de um patrimonio de vulto e de futuras possibilidades economicas.

Estivemos algumas horas em visita áquele centro fabril em companhia do sr. Zéca Vasconcelos, socio da firma, o qual fez de uma cativante gentileza para conosco. Satisfazia-nos a menor curiosidade.

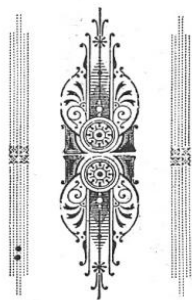
A primeira coisa que nos surpreendeu foi a dimensão da fabrica, 41.500 m². Uma verdadeira Babilonia.

De inicio serão ocupados 350 operarios e a firma faz empenho que sejam quasi todos de Caruarú. Para o trabalho de construção, maquinismos, etc., já foi empregada, até agora, a quantia de 4.000.000\$000 (quatro mil contos de reis), o que vem demonstrar, claramente, a certeza do exito absoluto da industria do Caroá. As maquinas de fiação e preparação, que se acham montadas, são em numero de quarenta, com capacidade de produção mensal de 120 tons., todas de fabricação alemã.

— Tencionamos iniciar as primeiras experiencias ainda este mês, entretanto só cogitaremos da inaugu-



Pequeno trecho da cidade de Caruarú, vendo-se, em primeiro plano, a Fabrica de Caroá em toda sua extensão

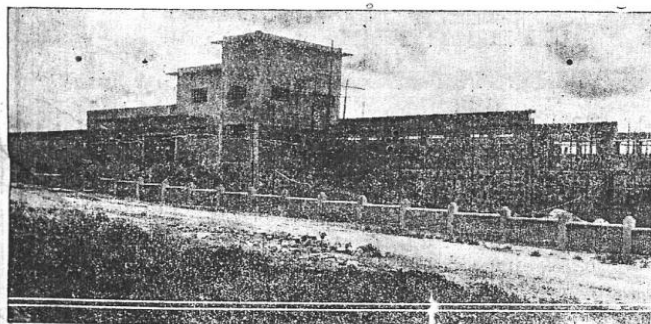


ração oficial, quando tivermos todo o maquinismo trabalhando normalmente, bem assim, o operariado já com certa habilitação — disse-nos o sr. Zeca de Vasconcelos, notando o desejo ardente do reporter pelos minimos detalhes.

A Fabrica acha-se apta, quando começar o serviço de fiação, a fornecer energia diurna á cidade, dependendo, exclusivo, de um acordo com a municipalidade, o que aliás seria interessantissimo para Caruarú. Ela dispõe, também, de 925 H P de força electrica, fornecidos por motores a Gaz e Diesel, dos melhores fabricantes estrangeiros.

Ao deixarmos a Fabrica de Caroá, vimos pressurosos á redação afim de escrever as otimas impressões colhidas em alguns instantes que passamos em visita ao maior centro fabril do Interior do Estado, e que irá, de certo, revolucionar a industria brasileira.

Não eramos justos, si concluíssemos esta reportagem sem lembrar o nome do sr. Sebastião Cardim, conceituado Gerente daquela Fabrica, um dos lideres que muito trabalhou para que a mesma fosse instalada em Caruarú, precisamente na época em que estava indecisa a sua montagem, devido aos obstaculos surgidos como sejam a falta d'agua, dificuldades de terreno, etc.. Porém, felizmente, tais impecilios foram desobstruidos e Caruarú poderá orgulhar-se, hoje, em possuir um edificio de elevada importancia para a industria do Caroá e que a tornará, estamos convictos, mais portentoza e de um futuro promissor e brilhante.



A Fabrica de Caroá vista de frente, quando ainda se achava em construção. O clichê acima nos mostra o 1.º andar onde irá ser localizado o escritório central

(ANEXO B - Reportagem de 09/09/1935 Fonte: arquivo do Jornal Vanguarda)

Vanguarda

JORNAL INDEPENDENTE

-1-

DIRETOR — José Carlos Florencio

ANO IV

Caruarú — Pernambuco — Segunda-Feira, 9 de Setembro de 1935

NUM. 168

VANGUARDA, regosijado com a inauguração, hoje, da Fabrica de Caroá, aparece em edição especial comemorativa a tão auspicioso acontecimento para a vida industrial de nossa terra

O sr. governador do Estado Carlos de Lima Cavalcanti, acompanhado do general Manoel Rabelo, presidirá as solenidades — O programa das festas — A chegada hoje da Comitiva governamental em trem Especial — A "Jazz Band Acadêmica" acompanha os excursionistas — Match de futebol entre o "Central Esporte Clube," desta cidade e a "Brigada Militar do Estado" — Outras notas

Conforme foi amplamente anunciada, terá lugar hoje a inauguração das instalações fiandeiras da fibra do caroá, nesta cidade. Acon-



Sr. Francisco Vasconcelos, sócio da firma José de Vasconcelos & Cia., o descobridor da nova indústria, com o aproveitamento da fibra do Caroá.

tecimento cuja importância já muito vem apaixonando todas as opiniões interessadas pela grandeza econômica do nosso Estado, a solenidade de hoje representa o marco mais notável plantado no futuro do nosso desenvolvimento, representando ainda um exemplo de corajosa iniciativa, de larga visão industrial, de uma vontade fortemente pra-



Academico Silvio Vasconcelos, auxiliar do Esportivo Central da firma José de Vasconcelos & Cia., em Recife.

tica e altamente dirigida no sentido dos mais legítimos interesses regionais.

A fabrica cuja maquinaria inicia hoje a sua atividade ordinária se levanta em nossa terra como o atestado mais eloquente da capacidade de trabalho da nossa gente, pois todos os seus idealizadores e realizadores pertencem a tradicional família caruaruense, ligada a nossa vida por múltiplos empreendimentos que vieram acelerar a marcha do nosso progresso.

Regosijados com o grande acontecimento, nós que fazemos um jornal sempre



Dr. Mario Vasconcelos, que dirige a fabrica de desfibrar o caroá, instalada em Custodia.

ao lado das grandes causas e das melhores aspirações do povo de Caruarú, aproveitamos a magnífica oportunidade do dia de hoje para concitar todos os que têm uma parcela de responsabilidade nos destinos de nossa terra a fim de que se miremos nesse espelho de grandiosa realização e não deixem descuidados os inúmeros outros recursos da nossa natureza. As nossas possibilidades vivem at a desafiar as iniciativas e é preciso que apareçam homens da larga visão e da força de trabalho dos que integram a firma José de



Cel. José de Vasconcelos, chefe da importante firma José de Vasconcelos & Cia.

Vasconcelos & Cia., a fim de que possamos mostrar um dia ao país o valor e a grandesa da nossa construção econômica.

A inauguração de hoje traz ainda outra possibilidade à economia de nossa terra. É a do aproveitamento da fibra da macambira que cresce em largas proporções nos nossos campos e que representa um recurso extraordinário de trabalho efetivo para toda a população que labuta no trabalho arduo da terra.

Levando a nossa felicitação aos dignos membros da



Governador Lima Cavalcanti, que veio presidir as solenidades de inauguração da Fabrica de Caroá

firma José de Vasconcelos & Cia., nós o fazemos com uma das mais legítimas vozes da opinião caruaruense e com a grande satisfação de vermos realizado em nossa terra o maior empreendimento que registra a história das grandes iniciativas de Pernambuco.

A Fabrica de Caroá, em cujas construções foram empregados 6.500.000\$000; possui 42 máquinas de fiação e cordoaria do caroá.

De começo, irá ocupar 200 operários, tendo possibilidades outras que se concretizarão futuramente.

Para beneficiamento da



Sr. José de Vasconcelos Junior, gerente-chefe da Fabrica de Caroá que hoje se inaugura.

fibra, a firma possui duas fabricas, em Custodia e Belmonte.

A firma José de Vasconcelos & Cia. e a Prefeitura Municipal, de comum acordo organizaram o seguinte programa que pespegamos a seguir:

9 horas — chegada da comitiva governamental, figurando nela altas personalidades do Recife, destacando-se entre elas o insigne e bravo general Manoel Rabelo, comandante da 7.ª Região Militar.

12 horas — Almoço oferecido pela firma José de Vasconcelos & Cia., nos

Filiado à Associação da
Imprensa do
Interior de Pernambuco

salões do Paço Municipal. 16 horas — Sensacional partida de futebol entre o Central Esporte Clube e a Brigada Militar do Estado, com



Dr. Angelo Vasconcelos, sócio da firma José de Vasconcelos & Cia., o chefe do Esportivo Central em Recife

a presença do dr. Carlos de Lima Cavalcanti e sua comitiva.

21 horas — "Soirée" dançante nos salões do edifício do governo municipal, oferecida pela prefeitura, em homenagem ao sr. governador e comitiva, sendo abrilhantada pela "Jazz-Band Acadêmica" e "Central-Jazz". Esta folha foi distinguida com um convite especial.



Sebastião Cardim, gerente da seção do Caroá e do Algodão, que muito trabalhou, para que a Fabrica de Caroá se construísse nesta cidade.

(ANEXO C - Indeferimento de solicitação da Caroá de certidão negativa de débito junto ao INPS)

INSTITUTO NACIONAL DE PREVIDÊNCIA SOCIAL

Caruaru, 04 de julho de 1977

A

COMPANHIA INDUSTRIAL DE CARUARU

NESTA

Comunicamos a V. S. que seu requerimento protocolado sob nº 232802, solicitando expedição de certificado de quitação, foi indeferido/tendo em vista a existência de débito em nome da empresa.

Qualquer esclarecimento a respeito / do assunto poderá ser dado na procuradoria desta/ Agência, no horário de 9 às 12 diariamente.

atenciosamente


Ariane Torres Veras Costa
- Procuradora

SSG - 45

enc. 06/7/77
(SRPE 3-69)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO. Tarcisio Patrício de; MACAMBIRA. Júnior; VIANA. Salvador Teixeira Werneck. **50 Anos de Formação Econômica do Brasil**. Rio de Janeiro. Artigo: Terra e Mão-de-obra em Formação Econômica do Brasil. Autor: Guilherme Delgado. 2009.

AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio. **Sistema Político Brasileiro: Uma Introdução**. 2ª Edição. Rio de Janeiro-RJ: Editora UNUESP, 2007.

BARBOSA, Izabela; NASCIMENTO, Cybelle Carolina; PEREIRA, Iraê. **Caruaru Industrial**. TCC do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Vale do Ipojuca - FAVIP. 2005.

BRASIL, Maria Elza Santos; CARVALHO, Maria de Lourdes Lima; NASCIMENTO, Maria das Graças Santos; et. al. **Indústrias de Confecção de Caruaru: Uma Abordagem de Caruaru**. TCC do Curso de História da Faculdade de Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA, 1981.

CALLE, Pablo Lopez. **Del Campo a La Fábrica, Vida Y Trabajo em uma Colonia Industrial**. Madri: Editora Catarata, 2010.

CASTRO, Nádyá Araújo; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, Regimes Fabris e Mudança Social no Nordeste Brasileiro**. Versão integral do texto apresentado no Seminário “Reestruturação Urbana: Tendências e Desafios”, promovido pelo ISA/IUPERJ no Rio de Janeiro, em setembro de 1988.

CIAVATTA, Maria; (coord.). **Memória e Temporalidades do Trabalho e da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

COLETI, Laura Maria Baron. **Do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) Aos Programas do EJA (Educação de Jovens e Adultos) Atuais: Evolução ou Manutenção das Práticas Pedagógicas?** Marília-SP. UNESP 2008.

FEIJÓ, Carmen Aparecida; LAMONICA, Marcos Tostes. **Crescimento e Industrialização no Brasil: As lições das Leis de Kaldor**. 2003.

FERREIRA, Josué Euzébio. **Ocupação Humana do Agreste Pernambucano: Uma Abordagem Antropológica para a História de Caruaru**. 1ª Ed. João Pessoa: Idéia Editora, 2001.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 34ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2010.

GREMAUD, A. P.; VASCONCELOS, M.A.S.; JÚNIOR, R.T. **Economia Brasileira Contemporânea**. 7ª Ed. São Paulo, Ed Atlas, 2009.

KELLER, Paulo. **Cotidiano Operário & Complexo Fabril: Fábrica com Vila Operária em Paracambi-RJ**. Rio de Janeiro-RJ, 2005.

LIMA, Jacob Carlos; FERREIRA, Brasília Carlos. **Trabalhadores Urbanos no Nordeste - Trajetórias Profissionais, Mobilidade e Organização Operária**. 18º Encontro Anual da ANPOCS, 1994.

LIMA, Jacob Carlos. **Desconcentração Industrial e Precarização do Trabalho: Cooperativas de Produção do Vestuário no Brasil**. Pesquisa realizada pela UFPB apresentada no 21º Congresso Internacional, Chicago, 1998.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**. 24ª Edição. Rio de Janeiro-RJ, 2006. Volume I, Capítulo XIII: A Maquinaria e a Indústria Moderna.

OMETTO, Ana Maria H.; FURTUOSO, Maria Cristina O.; SILVA, Marina Vieira da. **Economia Brasileira na Década de Oitenta e Seus Reflexos nas Condições de Vida da População**. Piracicaba-SP: I Simpósio de Economia Familiar, Universidade Federal de Viçosa. 1994.

PEREIRA, George; TEIXEIRA, Geyse Anne. **Fábrica de Caroá – História e Memória**. 1ª Edição. Caruaru-PE: Edições Bagaço, 2011.

PROVINCIALI, Vera Lúcia Novaes; SARAIVA, Luiz Alex Silva. **Desdobramentos do Taylorismo no Setor Têxtil – Um caso, Várias Reflexões**. São Paulo: Caderno de Pesquisas em Administração, v. 09, nº 1, jan/mar 2002.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar**. 3ª Edição. Rio de Janeiro-RJ: Editora Paz e Terra. 1985.

RAGO, Luzia Margareth. **O que é o Taylorismo**. 10ª Edição. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 2003.

SILVA, Maria José da; FLORENCIO, Maria do Carmo; CASÉ, Josefa Marinalva de Lucena; et. al. **História de Caruaru**. Caruaru-PE: TCC do Curso de História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA. 1974.

SOUZA, Luiz Eduardo Simões de. **Formação Econômica do Brasil**, capítulo: O PAEG na Política Econômica da Ditadura Castellista - Texto original escrito em 2004. 1ª Edição. São Paulo-SP: LCTE Editora, 2005.

FONTES DE INFORMAÇÕES:

Jornal Vanguarda. Rua Francisco Joaquim, nº 181, Bairro Maurício de Nassau. Caruaru-PE.

Museu da Fábrica. Praça José de Vasconcellos, s/n. Caruaru-PE.

LISTA DE ENTREVISTADOS:

João Batista de Vasconcellos

José Bezerra da Silva

José Bezerra da Silva (homônimo)

Júlio Alves da Silva

Paulo Duarte de Andrade Silva

Severina Bezerra da Silva

Sylvio de Vasconcellos e Silva